





LEMBRANÇA
FILIAL

A Mãe

DE SANTA TERESA
DO MENINO JESUS

1831
1877

SÃO PAULO

O PAI DE SANTA TERESA DO MENINO JESUS

A IRMÃ DE SANTA TERESINHA
FALA-NOS DE SEU PAI (1823-1894)

O RETRATO MORAL DE MEU PAI

Piedade — Amor de Deus

Fé — Esperança em Deus

Espírito de Apostolado

Coragem — Caridade para com o próximo

Mortificação e humildade

Trabalho e desinterêsse

Espôso amante e Chefe de família

Perfeito Educador e Pai incomparável

Oferta de todos os seus filhos a Deus

DOENÇA E MORTE DE MEU PAI

Os princípios da doença

Agravação brusca

Intervalo consolador

Na Casa de Saúde de Caen

Regresso à Família

Os últimos dias

Após a morte: *Sursum Corda*

APÊNDICES

Cartas do Sr. Martin

Oração da filha de um santo (tradução e original)

APÓS TER LIDO ÊSTE LIVRO

*

A M Ã E
DE SANTA TERESA
DO MENINO JESUS

OUTRAS OBRAS PUBLICADAS

- 1 — A “Mãezinha” de Santa Teresa de Lisieux
— *Madre Inês de Jesus* (1861-1951)
- 2 — R. Pe. Liagre — *Retiro com Santa Teresinha do Menino Jesus*
- 3 — Santa Teresa do Menino Jesus — *Manuscritos Autobiográficos* (2.^a edição)
- 4 — *O Pai de Santa Teresa do Menino Jesus* —
A irmã de Santa Teresinha fala-nos de seu
pai (1823-1894)

A MÃE
de Santa Teresa
do Menino Jesus

1831-1877

SEGUIDA DE
NOTÍCIA BIOGRÁFICA SÔBRE
IRMÃ FRANCISCA TERESA (LEÔNIA MARTIN)



Tradução do
CARMELO DO I. C. DE MARIA E SANTA TERESINHA
COTIA - SÃO PAULO
BRASIL

Imprime - 20
F. Gerardo (M. 12)
(Proc. 60).
P. Paul, 15 - p. 1762

CARTA DE SUA EXCELENCIA D. PICAUD

Bispo de Bayeux e Lisieux

A IRMÃ GENOVEVA DA SANTA FACE,
DO CARMELO DE LISIEUX

Bispado de Bayeux

Bayeux, 3 de maio de 1954

Minha querida Filha em Nosso Senhor,

Vossa Madre Priora convidou-vos a retomar a pena para apresentar-nos em dípticos o retrato de vossa "incomparável Mãe", juntamente com o de vosso "admirável Pai".

Abençoando todo o coração essa iniciativa que completa a obra que vos sugeri, a vós e a vossas irmãs, desde minha chegada à Diocese de Bayeux. De fato, considere-vos sempre como as únicas testemunhas capazes de mostrar-nos a fisionomia moral de vossos pais, modelos tão providenciais quão imitáveis para os pais e mães de família de nosso tempo. Têm estes uma missão tão dura e meritória que importa tornar resplandecente a seus olhos a luz de tais exemplos. Não temos, aliás, o direito de deixá-los ocultos.

Sem dúvida, a correspondência viva e atraente da Sra. Martin tornou já conhecidos muitos rasgos de sua virtude e conquistou-lhe numerosas simpatias. Contudo, sua humildade não atenuou alguns aspectos? Vossas recordações pessoais unidas às de vossas irmãs mais velhas no-la revelarão tal qual é.

Meus melhores votos paternais pela difusão de vosso duplo testemunho filial que dará glória a Deus assim como a vossa Irmãzinha, fruto bendito da graça de tão casta união.

† FRANCISCO-MARIA
Bispo de Bayeux e Lisieux

ADVERTÊNCIA

O retrato moral do Pai de Santa Teresinha do Menino Jesus traçado por nossa querida Irmã Genoveva de Santa Teresa, suscitou em inúmeros leitores e amigos o desejo de possuir um testemunho análogo sobre a Mãe de nossa Santa.

Julgamos por nossa vez muito oportuno recolher tôdas as preciosas lembranças da última sobrevivente dessa família abençoada entre tôdas, para não aquiescermos a êsse legítimo pedido. Não se pode perder nenhum desses tesouros, pois sua benéfica influência acentua-se cada vez mais. Verificamo-lo particularmente pelo incremento de veneração e de confiança para com os Santos Pais de Santa Teresa do Menino Jesus, cujos ecos chegam até nós do mundo inteiro.

Tal é a finalidade desta brochura em que Irmã Genoveva da Santa Face acaba de nos revelar, pela pena, o retrato da heróica Mãe, que seu talento de artista já nos fizera amar.

As Carmelitas de Lisieux

INTRODUÇÃO

Contava eu apenas oito anos e quatro meses quando mamãe faleceu. Isso significa que minhas recordações a seu respeito são forçosamente limitadas. Todavia, por ocasião da publicação da "História de uma Alma" e da "História de uma Família", interoguei muitas vezes minhas irmãs mais velhas sobre o que dizia respeito a minha Mãe. Reuni assim as notas concernentes a ela.

O todo compilado por Madre Inês de Jesus e por mim, constituiu a documentação básica da "História de uma Família". Sob este aspecto, esse livro pode ser considerado como inteiramente inspirado por nós. É digno de fé.

Nesta compilação especialmente consagrada à minha Mãe classificarei para maior alareza, em diversos títulos, minhas próprias recordações e as dos arquivos de família. O alcance restrito de uma brochura não permite inserir-lhe a correspondência assás volumosa de nossa Mãe (cerca de duzentas cartas já publicadas). Citarei porém trechos que revelarão melhor do que qualquer interpretação, sua personalidade tão rica! Além disso, recorrerei largamente às cartas de sua irmã e confidente íntima, Visitandina em Mans, como

também às de Maria, minha irmã mais velha, que viveu a seu lado os dois últimos anos de sua vida.

Ao empregar a palavra “santa” referindo-me a minha Mãe, no decurso destas memórias, ou citá-la em testemunhos de outrem, é minha intenção dar a essa expressão um caráter absolutamente privado.

E já de início, relevo como frontispício dêsses testemunhos, o traço característico de nossa Mãe sobre o qual minhas irmãs se apoiaram nos Processos de beatificação e de canonização da Serva de Deus Teresa do Menino Jesus. Elas atestam que:

“Nossa Mãe era a abnegação personificada. Dotada de grande coragem, caráter extraordinariamente enérgico, coração muito sensível e generoso, sempre orientado para Deus em Quem depositava heróica confiança”.

IRMÃ GENOVEVA DA SANTA FACE E DE SANTA TERESA,
o. c. d.

Carmelo de Lisieux, 2 de janeiro de 1954.

O RETRATO MORAL DE MINHA MÃE

Juventude

Minha Mãe, Zélia Guérin, nasceu no dia 23 de dezembro de 1831, perto de Alençon, na Comuna de Gandelain, no bairro de Saint-Denys-sur-Sarthon, onde seu pai, antigo soldado do Império, se alistara no Corpo de Polícia. Batizada no dia seguinte na igreja da localidade, recebeu o nome de Maria Azélia. Entretanto, chamavam-na sempre Zélia, nome que lhe continha muito bem, pois em todas as suas atitudes brilhava intensamente o mais puro *zêlo*.⁽¹⁾

Sua mãe, de fé robusta, mas muito austera, não a compreendia e feria sua delicada sensibilidade. Isso a levará a escrever mais tarde que sua juventude foi “triste como uma mortalha”. Um detalhe apenas o prova: Zélia, apesar do desejo ardente de possuir bonecas em sua infância, nunca teve sequer uma pequenina. As freqüentes enxaquecas de que sofria tornavam ainda mais penosa sua situação.

Juntamente com sua irmã que mais tarde se consagraria a Deus na Visitação, com o nome de Irmã

(1) Ela se entristecia quando seu irmão, arquivista nato, a tratava de Azélia nas crônicas familiares.

Maria Dositéia, entrou como externa no colégio da Adoração Perpétua de Alençon, mantido pelas Religiosas dos Sagrados Corações de Picpus. Teve belos sucessos escolares, haurindo também nesse ambiente ternura e sólida piedade. Um irmãozinho, Isidório, dez anos mais nôvo, dava então os primeiros passos na vida.

A exemplo de sua irmã mais velha, desejou consagrar-se a Nosso Senhor e apresentou-se às Irmãs de São Vicente de Paulo na Santa Casa de Alençon. Mas a Superiora dissuadiu-a, devido talvez a sua saúde. Foi então que fez esta prece:

“Meu Deus, já que não sou digna de ser vossa esposa como minha irmã, abraçarei o estado do matrimônio para cumprir vossa santa vontade. Peço-vos então muitos filhos e que vos sejam todos consagrados”.

Suplicou a Nossa Senhora que lhe indicasse a maneira de assegurar pecuniariamente seu futuro. E no dia 8 de dezembro de 1851, durante uma ocupação absorvente, distinguiu mui claramente uma espécie de voz interior que lhe dizia: “Ocupa-te com o Ponto de Alençon”. Entrou, pois, numa Escola Profissional. Mas saiu antes de terminar o curso para evitar a presença assídua do chefe do estabelecimento.

Pelos fins do ano de 1835 estabeleceu-se por conta própria como fabricante do Ponto de Alençon.⁽²⁾

Minhas irmãs mais velhas afirmam que mamãe era tão hábil quão viva e inteligente. Sua atividade era extraordinária e saía-se muito bem nos negócios.

Uma senhora da sociedade, admiradora de sua beleza e de seus talentos, quis levá-la a Paris, no intuito talvez de lhe proporcionar um casamento vantajoso.

(2) Ver Apêndice.

Sua recusa foi categórica. Mamãe contava o caso sorrindo. Ela não gostava do mundo. O Céu não tardou, aliás, em indicar-lhe a via a seguir.

Certo dia em que atravessava a Ponte São Lourenço, em Alençon, sentiu, à passagem de um rapaz com quem cruzara no caminho, a mesma inspiração que a orientou para seu trabalho profissional: “E’ este que preparei para ti”.

As duas famílias não se conheciam, mas minha avó Martin observara na Escola de rendas as qualidades eminentes de Zélia Guérin. Ela a desejou para seu filho e sua perspicácia materna oferecia-lhe um tesouro. No dia 13 de julho de 1858 Zélia Guérin desposava Luís Martin, filho de um Capitão aposentado. Instalaram-se na rua Pont-Neuf, em Alençon onde papai abriu uma relojoaria. Ele ia completar trinta e cinco anos e ela vinte e sete no fim do ano.

Vida familiar

Como mamãe conta em suas cartas ela ignorava os mistérios da vida e essa revelação a fez chorar muito. Papai aproveitou a ocasião para comunicar-lhe seu projeto de uma vida como irmãos. Ela aceitou apesar de seu primeiro desejo de ter filhos.

Entretanto, Deus tinha sobre eles outros desígnios. Acham-se estes bem indicados na dedicatória do livro sobre o nono e último florão de sua coroa:

À santa e imortal memória de Luís José Estanislau Martin e de Maria Zélia Guérin, felizes pais de

Irmã Teresa do Menino Jesus, PARA SERVIR DE EXEMPLO A TODOS OS PAIS CRISTÃOS.⁽³⁾

E neste testemunho mais recente por ocasião da canonização de Santa Teresinha:⁽⁴⁾

“A sociedade necessita mais do que nunca de uma chamada à ordem, de um exemplo VIVO que ILUSTRE magnificamente ao olhar de todos a SANTIDADE do estado do matrimônio e da observância das leis da moral conjugal.

“Está claro que o alcance providencial dessa canonização ultrapassa a própria Santa e que a IGREJA, ao elevar sobre os altares a NONA filha de Luís Martin e Zélia Guérin, COROA, NA GLÓRIA DA FILHA AS ALTAS VIRTUDES DOS PAIS, GENITORES DE UMA FAMÍLIA NUMEROSA E SANTA, MODELOS INSIGNES DOS ESPOSOS CRISTÃOS”.

Com efeito, depois de muitos meses, a conselho de seu confessor, quizeram, de comum acôrdo, ter muitos filhos para oferecer ao Senhor. Restituíram então à família um menino que tinham acolhido provisoriamente, após seu virginal projeto, todo fundado numa inteira comunhão de sentimentos, de fé cristã e de piedade.

Ao escrever a História de sua Vida, nossa Santa Teresinha tinha razão de agradecer ao Senhor “que a fêz nascer numa terra santa e tôda impregnada de virginal perfume”.

Fiel a seu princípio, nossa mãe não tinha medo da maternidade. Ao saber que uma senhora da região

(3) R. P. DE SANTANA, S. J., primeira edição portuguesa da *História de uma Alma*, em 1905.

(4) Sr. Pe. CROEGAERT em sua obra: *A Liturgia nupcial*, editada pela Abadia de Santo André de Lophem (Bélgica).

dera à luz a trigêmeos, disse ela: “Oh! feliz mãe! Se eu tivesse ao menos dois. Mas, não terei jamais essa felicidade!” — “Amo loucamente as crianças”. — “E’ um trabalho tão doce ocupar-se das criancinhas!”

Sua correspondência está cheia dessas exclamações de alegria materna. Escrevia a seu irmão, o Sr. Guérin, no dia 23 de abril de 1865, após o nascimento de sua Helenazinha que deveria morrer em tenra idade:

“Há quinze dias fui ver aquela que está com a ama. Não me lembro de ter jamais experimentado um sentimento de tal felicidade como no momento em que a tomei nos braços e ela me sorriu tão graciosamente que acreditava ver um anjo. Numa palavra, é inexprimível para mim. Acho que nunca se viu nem se verá jamais uma criança tão encantadora. Minha Helenazinha! Quando enfim terei a felicidade de possuí-la inteiramente? Não posso pensar que tenho a honra de ser mãe de criatura tão deliciosa...”

Longe de medir fadigas, sua confiança sobrenatural levava-a a confessar mais tarde à sua cunhada, a Sra. Guérin,⁽⁵⁾ de saúde delicada e que esperava um filho:

“Nosso Senhor não pede nada acima de nossas forças. Vi muitas vezes meu marido preocupar-se comigo sobre êsse ponto. E eu permanecia absolutamente tranqüila. Dizia-lhe: “Não receies, Nosso Senhor está conosco”. No entanto, eu estava acabrunhada de

(5) No dia 11 de setembro de 1866 seu irmão Isidório Guérin desposava Celina Fournet, filha de um farmacêutico, a quem sucedia na farmácia.

trabalhos e preocupações de toda sorte, mas tinha a firme confiança de ser sustentada pelo Alto".⁽⁶⁾

O que não a impedia de fazer esta confidência a seus parentes de Lisieux:

"Se tiveres tantos filhos quanto eu, isso exigirá muita abnegação e o desejo de enriquecer o Céu com novos eleitos".⁽⁷⁾

Após cada nascimento, fazia logo esta prece:

"Senhor, concedei-me a graça de vos ser consagrado este filho e que nada venha manchar a pureza de sua alma. Prefiro que o leveis imediatamente caso venha a perder-se para sempre".

Sua união com Deus e o fervor de suas orações quando esperava um filho eram tão grandes que se admirava de não ver disposições para a piedade desde o despertar da inteligência desses pequeninos. Maria, sua filha mais velha tinha apenas quatro anos e Paulinazinha contava somente dois quando ela confiava sua decepção à querida Visitandina. Esta por sua vez escrevia a seu irmão, no dia 2 de fevereiro de 1864:

"Zélia já se atormenta por não ver sinais de piedade em suas filhas".

A criança devia ser batizada logo após o nascimento. Sempre se informava sobre esse ponto quando se tratava dos filhos de seus parentes.

Quanto ao batizado de Teresinha foi preciso ser adiado dois dias. Deixo aqui a palavra a Madre Inês de Jesus. Interrogada, nos Processos, sobre o motivo dessa demora, respondeu:

"Porque se esperava o padrinho. Durante esse intervalo nossa piedosa mãe estava em contínuos so-

(6) Carta de 5 de maio de 1871.

(7) Carta de 8 de fevereiro de 1864.

bressaltos. Pelo temor de sobrevir algum mal à criança imaginava constantemente que a pequena estava em perigo".

Mamãe teve nove filhos, dos quais quatro morreram ainda pequenos. De acordo com meu pai quis dar a todos o nome de "Maria" unido a outro nome, ao de José para os dois meninos.

No dia 8 de dezembro de 1860 pedira à Imaculada Conceição um segundo filho e nove meses depois chegava Paulina que se seguiu a Maria, a primogênita.

Escreverá mais tarde a Paulina este testemunho de seu amor e o de nosso pai pelos filhos:

"Vivíamos somente para eles. Eram nossa felicidade. Jamais a encontrávamos fora deles. Numa palavra, nada nos custava, o mundo não mais nos pesava. Era para mim a grande compensação, por isso eu desejava ter muitos filhos a fim de educá-los para o Céu" (4 de março de 1877).

Já mencionei a perfeita compreensão entre meus pais, ainda que, à primeira vista, suas opiniões divergissem um pouco sobre um ponto qualquer. Mamãe tinha por meu pai tanta admiração quanta afeição e deixava-o exercer plenamente uma autoridade deveras patriarcal. Minhas irmãs afirmaram diversas vezes que sua união foi sem nuvens e a correspondência de minha mãe prova-o. Mostra também que mamãe não podia viver longe dele, mesmo por alguns dias. As cartas que lhe escrevia terminam com frases como esta, eco fiel de seus sentimentos:

"Tua esposa que te ama mais do que a própria vida".

O Sr. Cônego Dumaine, Vigário Geral de Séz, que batizou Teresa quando vigário de Nossa Senhora

de Alençon, e que conhecia bem nossa família, fez este elogio nos Processos:

“Era admirável a união nessa família, tanto entre os esposos como entre pais e filhos”.

A educação dos filhos

Nossa mãe ocupava-se ativamente de nossa educação. Lembro-me que fazia conosco a oração da manhã e da noite e ensinava-nos principalmente esta fórmula do oferecimento do dia:

“Meu Deus, dou-vos o meu coração, tomai-o, eu vos peço, a fim de que nenhuma criatura o possua a não ser Vós só, meu bom Jesus”.

Habituaava-nos a obedecer por amor, para agradar ao Menino Jesus, com pequenos sacrifícios. O “Têrço de Práticas” servia para contá-los. Era composto de contas móveis, enfiadas em um cordão e que eram puxadas à vontade.

Esta obra de formação começava bem cedo. Escrevia a seu irmão que se preocupava com a vivacidade de sua filha mais velha:

“Não te inquietes por ser muito viva tua Joanninha. Isso não a impedirá de ser uma excelente filha mais tarde e de ser a tua consolação. Lembro-me de que Paulina era a mesma coisa até a idade de dois anos. Eu ficava desolada e agora é a melhor. Devo dizer-te que não a mimei, e por pequenina que fôsse não deixava passar nada, sem no entanto a martirizar. Mas ela devia ceder”.

Lê-se numa carta de Irmã Maria Dositéia a seu irmão:

“Zélia escrevia-me em sua última carta alguma coisa sobre suas filhinhas. Pergunta a Maria se co-

meteu tal falta. A pequena examina sua consciência e após um momento responde: “Não, não fiz isso”. Diz-lhe então que vá deitar-se e que “Nosso Senhor está em seu coração”. Seu rostinho resplandece de alegria.

Quanto a Paulina, se suas irmãs querem tomar-lhe as cousas e se lhe diz: “Dá-lhes, minha filhinha, é uma pérola para a tua coroa”. Então ela não opõe mais resistência”.

Mamãe velava atentamente sobre nós afastando até a sombra do mal. Pouco depois do nascimento de Teresa, todas as meninas brincavam de batizado no jardim. Luísa, a empregada, teve a idéia de designar-me para padrinho e vestiu-me de menino. Eu tinha quatro anos. O desfile começava quando mamãe apareceu e fez cessar a brincadeira repreendendo Luísa por essa exibição “masculina”.

Ela queria a mais perfeita decência no trajar e os vestidos deviam descer abaixo dos joelhos.

Certo dia em que uma adolescente, pouco mais velha do que nós, veio brincar conosco, mamãe inquietou-se com suas maneiras por demais familiares, com seus segredos misteriosos e separou-nos dessa menina. Interrogou-me ansiosamente diante dela e falou-me com severidade, para afastar essa má influência. Acrescento um detalhe: essa menina aproveitou da admoestação e tornou-se religiosa mais tarde.

Minha mãe colocava-me sobre os joelhos e ajudava-me a preparar minhas confissões. Era à confiança de suas filhas que recorria sempre. Sendo muito persuasiva era difícil esconder-lhe alguma coisa. Foi assim que ajudou Maria a ser menos independente. Conta esta que quando criança, numa escola mantida aliás por religiosas, fôra testemunha de atitudes viciosas de uma menina. Indignada, falou logo a mamãe que apro-

veitou-se da ocasião para louvar sua franqueza e ensinar-lhe a mesma lealdade na confissão. Alertada por êsse fato retirou-a dessa escola e colocou-a com Paulina no internato da Visitação de Mans.

Sua firmeza era no entanto impregnada de grande compreensão. Prova-o êste detalhe a meu respeito que extraio da correspondência de mamãe a Paulina:

“A Celinazinha é muito engraçadinha, faz muitas “práticas” para obter a cura de sua tia.⁽⁸⁾ Às vezes porém lhe falta a constância. Ontem à noite, não queria dar não sei que à sua irmãzinha, apesar de lho pedirmos. Maria zangou-se e disse-lhe que ela só fazia os sacrifícios que lhe agradavam e que assim seria preferível não fazer nenhum. Eu disse a Maria que não tinha razão de desanimá-la assim e que não é possível a uma criança tão pequena tornar-se santa de repente, é preciso deixar passar alguma cousa”.

Teresa contou a maneira pela qual mamãe formava o seu caráter. Não admitia êsses caprichozinhos de criança de que se ri facilmente. Bastava um olhar de reprovação para corrigi-la. Cito ainda uma passagem relatada por minha mãe a Paulina, a respeito de Teresinha:

“Certa manhã, quis abraçá-la antes de descer. Parecia dormir profundamente, por isso não ousei despertá-la. Maria disse-me: “Mamãe, ela finge dormir, tenho certeza”. Inclinei-me então para beijá-la na testa, mas ela escondeu-se logo sob as cobertas dizendo-me com ares de criança mimada: “Não quero que me vejam”. Não fiquei nada contente e fi-la sentir. Dois minutos depois ouvi-a chorar, e logo percebo com grande admiração que estava a meu lado. Tinha

(8) A saúde da tia Visitandina causava inquietações.

saído sòzinha de sua caminha, desceu as escadas, descalça e embaraçada em sua camisola mais comprida do que ela. Tinha o rostinho banhado em lágrimas. “Mamãe, disse-me lançando-se a meus joelhos, mamãe, eu fui má, perdoa-me!” O perdão foi depressa concedido. Tomei meu querubim nos braços apertando-o ao coração e cobrindo-o de beijos.

Vendo-se tão bem recebida, disse-me: “Oh! mamãe, não queres enfaixar-me como quando eu era pequena? Eu tomaria o meu chocolate aqui, à mesa!” Tive a paciência de ir buscar sua coberta e enfaixei-a como quando era pequenina. Eu parecia brincar de boneca”.⁽⁹⁾

Êsse fato revela bem seu método pedagógico em que a severidade envolve-se de ternura.

Lembro-me de outro caso, concernente a mim, contado por minha mãe a Paulina, interna, pois sabia interessá-la tudo o que se referia às irmãs:

“Celina está aprendendo bem a ler, mas está se tornando travessa como um diabinho! Basta dizer que tem apenas quatro anos, e graças a Deus tenho um bom resultado. Veja que história divertida a seu respeito. Ontem à noite ela me dizia: “Eu não gosto dos pobres!” Respondi-lhe que Jesus não estava contente e não a amaria também. Replicou-me: “Eu gosto muito do bom Jesus, mas jamais em minha vida gostarei dos pobres. Não quero mesmo amá-los! Que importa isso ao bom Jesus? Ele é o Senhor, mas eu também sou a senhora”.

Não podes imaginar como estava exaltada, ninguém pôde convencê-la. Mas há uma explicação para a sua raiva dos pobres. Há alguns dias achava-se à

(9) Carta de 13 de fevereiro de 1877.

porta com uma amiguinha quando passou uma criança pobre e as olhou com um ar atrevido e zombeteiro. Isso não agradou a Celina que disse à menina: "Vá-te embora". Esta, furiosa, deu-lhe antes de se afastar, uma bofetada bem dada. Uma hora depois ela estava ainda com o rosto vermelho! Incitei-a a perdoar a pobrezinha, mas ela não se esqueceu do incidente e declarou-me ontem: "Queres, mamãe, que eu goste dos pobres que vêm me dar palmadas, a ponto de ficar com o rosto todo vermelho? Não, não gosto deles!"

Mas a noite é boa conselheira. A primeira palavra que me disse esta manhã foi para anunciar-me "que tinha um belo ramalhete para Nossa Senhora e o bom Jesus", depois acrescentou: "Agora eu gosto muito dos pobres!"

Era assim que sem violência sabia convencer-nos.

Entretanto, com Leônia mamãe teve mais dificuldades. Ela não conseguia abrir seu coração. Era um mistério sua teimosia e seus temores, mesclados de transportes afetuosos. Mamãe rezou muito por essa filha a quem via freqüentemente doentia, atrasada nos estudos e tristonha.

Tentou por duas vezes colocá-la no internato da Visitação de Mans com suas irmãs Maria e Paulina, mas as religiosas não puderam ficar com ela. Numa dessas ocasiões Irmã Maria Dositéia escreveu a seu irmão e a sua cunhada:

"Espero Zélia amanhã. Não será uma visita alegre, por certo. Ela virá buscar Leônia. Como tenho pena dessa pobre e querida irmã!"⁽¹⁰⁾

E alguns dias depois:

(10) Carta de 6 de abril de 1874.

"Estive com Zélia, estava muito resignada. Ela reconhece que cabe aos pais o trabalho com os filhos quando estes não são como os demais".

Com efeito, seu bom senso, leva-a a dizer:

"Não gosto de pedir exceções, nem de sair do regulamento. É-se bem mais feliz, mesmo desde esta vida quando se cumpre corajosamente seu dever".⁽¹¹⁾

No dia 1.º de junho de 1874, nossa Mãe escrevia ainda a sua cunhada a respeito de Leônia:

"...Só tenho fé num milagre para mudar esse temperamento. Não mereço milagre, é verdade, e contudo espero contra toda esperança. Quanto mais a vejo difícil mais me persuado de que Nosso Senhor não permitirá que ela fique assim".

Quando em 1877 faleceu nossa querida tia Visitandina, minha mãe confiou mui particularmente a pobre pequena à sua celeste proteção. E logo depois descobriu a chave do enigma. Era a empregada que, mais por inaptidão do que por malícia, aterrorizava oculta-mente a criança e impedia-lhe a expansão. Mamãe pôs imediatamente ordem subtraindo Leônia a essa influência desastrosa, e procurou reconquistar sua confiança. Foi essa a grande preocupação de mamãe ao sentir-se mortalmente enfêrma. Encontram-se na correspondência dessa época frases que traem sua angústia. Confessa a nossa tia Guérin:

"O que mais me inquieta é seu futuro. Pergunto muitas vezes: "O que será dela se eu vier a faltar-lhe?" Nem ousar pensar nisso... Se fôsse preciso o sacrifício de minha vida para que se torne santa, eu o faria de bom grado".⁽¹²⁾

(11) Cartas a Paulina, novembro e dezembro de 1875.

(12) Carta de 18 de janeiro de 1877.

É porém a tôdas as suas filhas que se dirige, sem cessar, êsse desejo de vê-las santas.

Lê-se numa carta do dia de Todos os Santos, endereçada às duas filhas mais velhas, internas em Mans:

“É preciso servir bem a Nosso Senhor, minhas queridas filhinhas. Procurai merecer estar um dia no número dos santos cuja festa celebramos hoje”.

E mais tarde a Paulina:

“...Dir-lhe-ás (à tua tia) que estou muito satisfeita contigo, porque és uma boa menina, muito afeituosa e dócil... mas não ainda bastante piedosa.”⁽¹³⁾

E no ano seguinte:

“...Continua a ser uma boa e santa menina. Se não tens ainda esta última qualidade, procura adquiri-la.”

Pouco depois falando de sua irmã, Maria:

“Espero que será uma boa moça, mas desejo que seja santa, e tu também, minha Paulina”.⁽¹⁴⁾

A querida Visitandina escrevera-lhe que esta seria piedosa. Ela exclamou então: “Como isso me deixou feliz”.

Depois volta-se para a sua Leônia, referindo-se à peregrinação a Lourdes:

“...Pelo menos se Nossa Senhora não me curar, suplicar-lhe-ei que cure minha filha, abra sua inteligência e faça dela uma santa”.

Após a volta, seu estado tendo-se agravado, como direi mais adiante, espera ainda a cura para terminar sua missão junto das filhas. Daí êsse grito de fé que lança a Paulina:

(13) Carta de 10 de outubro de 1875.

(14) Carta de 26 de fevereiro de 1876.

“Pois bem, espero sempre êsse milagre da bondade e da Onipotência de Deus por intercessão de sua santa Mãe. Não lhe peço tirar-me completamente o mal, mas sòmente deixar-me viver alguns anos para ter tempo de educar minhas filhas e sobretudo esta pobre Leônia que precisa muito de mim e de quem tenho tanta pena.

Ela é menos privilegiada do que vós quanto aos dons naturais, mas apesar disso tem um coração que deseja amar e ser amado e sòmente uma mãe poderá testemunhar-lhe a todo instante a afeição de que é ávida e seguiu-la bastante de perto para fazer-lhe bem”.⁽¹⁵⁾

• Mamãe devotou-se com tão fino tato que a pequena apegou-se a ela perdidamente a ponto de se tornar importuna! Entretanto, diante de um sacrifício, não era tão fácil. Para conseguir pouco a pouco, levando-a pela ternura, mamãe imaginava meios como êste: Fazê-la colocar uma noz na gaveta a cada sacrifício aceito. Tôdas as tardes, revistava a gaveta, com certa apreensão...

Mas, no fundo, nossa Leônia era excelente. Já em 1875, minha mãe escrevia a sua cunhada:

“Não estou descontente com minha Leônia. Se conseguíssemos vencer sua teimosia, abrandar um pouco mais seu caráter, ela seria uma boa menina, devotada, sem receio de sacrificar-se. Tem uma vontade de ferro, quando quer uma cousa vence todos os obstáculos para chegar a seu fim”.

Acrescento que ela aliava a um bom julgamento, humildade e doçura natural. Tinha sobretudo um “coração de ouro”, o que nossa mãe confirma várias vê-

(15) Carta de 26 de fevereiro de 1876.

zes em suas cartas, onde encontro passagens como estas:

Leônia recusava-se a ir a Lisieux para ceder-me sua vez e quando exigiram que ela fôsse deixando-nos em casa, nós as duas menores, disse a Teresa: "Está bem, minha querida, eu te trarei todos os doces que me derem!"

Continuo a citação da missiva materna:

"Esta tarde chamei-a para junto de mim a fim de que lesse algumas orações, mas logo se cansou e disse-me: "Mamãe, conta-me a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo". Eu não estava disposta a contar, cansa-me muito, tenho sempre dor de garganta. Enfim, fiz um esforço e contei-lhe a vida de Nosso Senhor. Quando cheguei na Paixão começou a chorar. Fiquei contente vendo nela êsses sentimentos".⁽¹⁶⁾

O futuro devia responder a esta esperança e à confiança invencível de nossa mãe. Confirmou também a predição de nossa tia Visitandina que anunciara que esta criança, objeto de tantas lágrimas, tornar-se-ia uma santa. Com efeito, após a morte de mamãe, nossa irmã refez-se completamente, viveu mais de quarenta anos num mosteiro que edificou por suas virtudes e onde morreu santamente.⁽¹⁷⁾

Tal sucesso sobre um temperamento difícil e pouco favorecido pelos dons da natureza, foi considerado como a obra-prima de uma mãe enquanto educadora.

Se nossa mãe reprimia em nós as menores tendências defeituosas, gostava entretanto de ver-nos alegres e cheias de entusiasmo e mesmo recreava-se conosco, embora precisasse depois prolongar seu dia de trabalho até meia-noite ou mais.

(16) Carta de 7 de setembro de 1875.

(17) Na Visitação de Caen.

Muito simples em seu trajar, mamãe gostava de esmerar-se no de suas filhas. Sua correspondência deixava transparecer essa justa e natural ufania. Nossa irmã Maria anotou esta passagem:

"Eu contava sete anos quando, certo dia em que estreávamos vestidos de lã assenitada azul marinho, mamãe chamou-nos, as quatro, para ver-nos antes de nosso passeio. Olhou-nos longamente com complacência e ternura, depois disse-nos: "Ide agora, minhas filhinhas". Mas evitou elogiar os nossos vestidos que eu própria achava muito bonitos, a fim de não despertar em nós a vaidade".

Nossa mãe vigiou sempre por desviar-nos de toda tentação de luxo. Bem mais tarde contou a Paulina certa propensão de sua filha mais velha para cair nessa cilada. Tratava-se de um passeio, em janeiro de 1876:

"Maria olhava as meninas da idade de Celina e Teresa para invejar sua toilette e suplicar-me que as vestisse assim. E' o caso de dizer que nunca se está satisfeito! Ambas se vestem como nunca o fiz para as outras, mas isso ainda não basta porque vê cousa melhor! Entretanto não desejo subir mais alto. Isso tudo é uma verdadeira escravidão. Na verdade, é-se escravo da moda! Sabes, porém, que para si tua irmã detesta a vaidade".

Minha mãe agia entretanto sem estreiteza de espírito, observava as conveniências de sua posição, embora afirmasse: "Detesto o luxo para mim", mas aplicava-se a vestir bem suas filhas, dentro dos limites da simplicidade.

Quando Maria saiu do internato não quis proporcionar-lhe relações mundanas e recusou deixá-la participar de pequenos vesperais dançantes. Depois de tê-lo confiado a sua cunhada, abre-se a Paulina:

“Eu sei bem que Maria nada tem que temer nessa reunião de mocinhas, mas não gosto de vê-la com pessoas tão ricas. Isso provoca invejas malsãs. Não desejo de modo algum relações com essas pessoas”.⁽¹⁸⁾

E no mesmo sentido:

“Todos nós somos um pouco assim: desejamos o que não podemos ter e quando o possuímos mostramo-nos desgostosos”.

Com efeito, é sorrindo que informa Paulina sobre essa tendência acentuada de sua primogênita:

“Maria sonha morar numa bela casa, na rua Demi-Lune, defronte às Clarissas. Ontem, falou disso toda a tarde. Dir-se-ia que lá é o Céu! (...) Tua irmã, aliás bem pouco mundana, nunca se acha bem onde está. Ambiciona sempre mais. Ser-lhe-iam precisos cômodos muito vastos e bem mobiliados...”

Estava fora de si de espanto vendo a filhinha da ama⁽¹⁹⁾ (...), ao entrar quinta-feira em seu quarto, ficar à porta, “prêsa” de admiração: “Ah! como é lindo!” A pobre pequena crê que não há nada mais bonito, mas Maria sabe que é o contrário, por suas companheiras de colégio e sonha com outra cousa. Quando ela tiver essa outra cousa o vazio se fará sentir e talvez mais ainda. Eu acho que se eu estivesse num magnífico castelo cercada de tudo o que se pode desejar sobre a terra, o vazio seria maior do que se estivesse sòzinha numa pequena mansarda, esquecendo-me do mundo e sendo por êle esquecida”.⁽²⁰⁾

Doze anos antes, seu irmão terminava os estudos em Paris e quis orientar seu futuro. Com êsse mesmo

(18) Carta a Paulina — 8 de novembro de 1876.

(19) Rosa Taillé, chamada a “Rosinha”, ama de Teresa.

(20) Carta de 16 de janeiro de 1876.

espírito, ela procurou guiá-lo na escolha de uma espôsa e dirigiu-lhe estas admoestações e conselhos:

“...Tu procuras apenas cousas fúteis: beleza, fortuna, sem considerar as qualidades que fazem a felicidade de um marido ou os defeitos que causam sua desolação e ruína. Sabes que nem tudo que brilha é ouro. O principal é procurar uma boa moça, do lar, que não tenha medo de sujar as mãos no trabalho e que não goste da moda senão na medida do necessário, que saiba educar seus filhos no trabalho e na piedade. Uma tal mulher te assustaria. Não é assás brilhante aos olhos do mundo. Mas os rapazes sensatos a preferem sem nada do que outra com cinquenta mil francos de dote e que não tivesse essas qualidades”.⁽²¹⁾

*

Ótima dona de casa, nossa mãe formou tão bem Maria que esta foi capaz de substituí-la perfeitamente quando ela nos foi arrebatada.

Se lhe repugnava o desperdício, nada poupava ao entrar em jôgo nossa educação e bem espiritual.

“O dinheiro não é nada, afirmava ela, quando se trata da santificação e da perfeição de uma alma”.

Essas linhas foram traçadas a respeito de um retiro de Maria na Visitação de Mans. E já colhera o fruto de suas solitudes, porque podia escrever:

“...Ela tem idéias que me agradam (...) As cousas dêste mundo não penetram tão profundamente em seu espírito quanto as espirituais. Entretanto, tem ainda muito que caminhar para entrar plenamen-

(21) Carta de 14 de julho de 1864.

te na via da perfeição. Mas a balança pende bem mais dêste lado”.⁽²²⁾

As diversas citações que acabo de fazer das cartas de minha mãe mostram ao mesmo tempo a graça e influência educadora que possuía. Maria falou-nos muitas vezes das que e'a lhe escreveu para prepará-la melhor para a Primeira Comunhão feita por exceção aos nove anos. Infelizmente, foram destruídas pela empregada que as queimou inadvertidamente, deixando desolada a jovem proprietária que durante as férias, as levava para casa, a fim de não se separar jamais delas!

Foram conservadas as cartas, muito mais numerosas, dirigidas a Paulina que ficara sôzinha no internato durante dois anos. Eram as delícias não só da menina, mas ainda das mestras que lhe declaravam: “Nenhuma aluna recebe semelhantes cartas de sua família”. Gostavam de lê-las à Comunidade.

Tôdas nós amávamos nossos Pais com ternura e respeito indizíveis. Nunca vi, em casa, alguma de nós dizer-lhes uma só palavra desrespeitosa ou simplesmente familiar. Excetuando nossa querida Leoniazinha antes de sua transformação, não sabíamos raciocionar diante de uma ordem recebida. Não se pensava mesmo nisso. Obedecia-se por amor.

Ingênuamente, Maria e Paulina nomeavam em suas orações ora “Papai e Mamãe”, ora “Mamãe e Papai”, recusando dar a um ou a outro a prioridade.

Ambas testemunharam no Processo de beatificação de Teresa:

(22) Carta a Paulina, 14 de maio de 1876.

“Não éramos mimadas. Nossa mãe velava com grande cuidado sôbre a alma de suas filhas e a menor falta nunca ficava sem repreensão. Era uma educação boa e afetuosa, mas atenta e esmerada.

Nossa mãe tinha por Paulina uma espécie de predileção, que aliás, não nos fazia absolutamente sombra, pois sentíamos-nos tôdas tão amadas! Foi mamãe que, com suas lindas histórias, despertou em seu coração o primeiro desejo da virgindade. Madre Inês de Jesus dirá no Processo de beatificação:

“Considerarei sempre meus pais como santos. Tínhamos profundo respeito e admiração por êles. Perguntava-me por vezes se poderia haver semelhantes sôbre a terra. Pelo menos, não os achava ao redor de mim”.

Era o que confirmavam as religiosas da Visitação, assegurando às minhas irmãs mais velhas “que nenhuma de suas companheiras podia gloriar-se de ter uma mãe como a sua, pois não existia...”

Quanto a mim, foi sobretudo nosso venerado pai que conheci, mas guardo também comovida recordação dessa incomparável mãe.

Vida de trabalho

Vários testemunhos sublinharam já que nossa mãe era a atividade personificada, sempre ocupada com sua renda, seu lar, suas filhas, sua correspondência. Nosso Pai conseguia a custo aliviá-la e persuadi-la a aceitar um auxílio. Praticava constantemente o esquecimento de si.

Luísa, sua antiga empregada, escrevia ao Carmelo muitos anos mais tarde:

“...De quantas pequenas cousas me lembro ainda após sua morte. Para ela tudo estava sempre muito bom, mas para os outros não era a mesma coisa!”

Vejo-a ainda preparando pela manhã um excelente dejejum para os seus, contentando-se com um pouco de sopa tomada de pé como que às furtadelas.

Sempre a última a deitar-se, de pé muitas vezes desde as cinco horas da manhã até às onze da noite, ela falava oportunamente nesse “maldito” Ponto de Alençon que lhe dava tantas preocupações. Entretanto, não consentia em ver sem serviço suas rendeiras que sofreriam com a falta desse ganho. Queria além disso por esse trabalho assíduo assegurar o futuro de suas filhas.

Explica-o assim à Sra. Guérin:

“...Tenho ainda outra preocupação que me faz sofrer muito: meu pobre comércio não vai bem. Sei que ides rir e dizer: tanto melhor, porque já trabalhei bastante. Tendes razão, eu também o diria como vós, mas há uma coisa que me prende. Não é o desejo de fazer fortuna que me move. Tenho mais do que desejaria, mas creio que seria loucura minha deixar esta empresa tendo que garantir o futuro de cinco filhas. Devo ir até o fim por causa delas e vejo-me embaraçada por ter que fornecer trabalho às rendeiras e não poder fazê-lo, enquanto o negócio vai muito bem em outras partes. Esse é o meu maior sofrimento!

Minha pobre Maria fica muito triste com isso. Ela maldiz o Ponto de Alençon e declara que preferiria viver numa mansarda do que adquirir fortuna a esse preço. Acho que não erra. Se eu fôsse sòzinha e precisasse recomeçar a sofrer tudo que tenho sofrido há vinte e quatro anos preferiria morrer de fome, pois só em pensá-lo tenho frêmitos.



ZÉLIA MARTIN

aos 35 anos



ZÉLIA GUÉRIN (SRA. MARTIN)
COM SEUS IRMÃOS LUISA GUÉRIN E ISIDORO,
conforme um daguerreótipo de 1857.

Penso muitas vezes que se eu tivesse feito metade de tudo isso para ganhar o Céu seria uma santa a ser canonizada! Penso também em meu irmão. Se êle tiver as mesmas aflições que eu, lamento-o de todo coração, pois sei o que isso significa".⁽²³⁾

Nosso pai partilhava estas azáfamas e decepções. Minha mãe podia escrever a Paulina:

"Teu pai irá logo a Paris por causa do Ponto de Alençon que não vai bem (...) Fala em levar Maria (...) Parece-lhe que fará melhores negócios se Maria estiver com êle".⁽²⁴⁾

Mas, na verdade, queixa-se mais freqüentemente de que sua fabricação vá muito bem e que não consiga atender a tôdas as encomendas. Daí, sua pena após uma viagem a Lisieux, onde as mais velhas prolongavam sua permanência:

"Quando Maria e Paulina voltarem para casa, onde não haverá festas nem distrações, acharão duro. Custou-me a habituar-me novamente. O trabalho parecia-me mais penoso do que de ordinário".⁽²⁵⁾

No ano seguinte confia a Paulina:

"...Suspiro pelo repouso, falta-me a coragem para continuar a luta. Sinto necessidade de recolher-me um pouco para pensar na salvação que os embaraços dêste mundo me fazem negligenciar. Deveria porém lembrar-me desta palavra da Imitação: "Por que procurais o repouso se nascesteis para o trabalho?" Mas quando êsse trabalho absorve muito e não se tem

(23) Carta do dia 6 de fevereiro de 1876.

(24) Carta de 16 de janeiro de 1876.

(25) Carta a sua cunhada, 22 de agosto de 1875.

mais a energia da juventude, não se pode impedir o desejo de se ver livre d'êles, pelo menos em parte. Enfim, vivo nessa esperança".⁽²⁶⁾

Todavia, se minha mãe tinha muitas preocupações, ela se reconfortava na oração e dizia convicta: "Nosso Senhor que é um bom Pai nunca dá às suas criaturas mais do que elas podem agüentar".

Experimentara freqüentemente êsse socorro pois que outrora consolara seu irmão provado também nos negócios, evidenciando-nos assim que a seu desânimo aparente se aliava a força do Alto.

Escrevia no dia 14 de fevereiro de 1868:

"É preciso ter coragem e não te preocupares. Quando comecei meu comércio do Ponto de Alençon, eu era assim também, a ponto de ficar doente. Agora sou bem mais razoável, preocupo-me muito menos e resigno-me com todos os aborrecimentos que me advêm ou podem advir. Digo que é Nosso Senhor que o permitiu, e depois não penso mais".

Observará um pouco mais tarde:

"É sobretudo com cousinhas que me embaraço mais. Quando se trata de uma real aflição, fico muito resignada e espero com confiança o socorro de Deus".⁽²⁷⁾

Seu caráter otimista transparecia nestas linhas, escritas alguns meses antes de sua morte:

"...Não tenho motivo algum para alegrar-me vendo o tempo correr, mas sou como as crianças que não se inquietam com o dia seguinte. Espero sempre felicidades".⁽²⁸⁾

Enfim, para concluir o tema de seu trabalho, retenho estas palavras:

(26) Carta de 8 de novembro de 1876.

(27) Carta a sua cunhada, 29 de setembro de 1876.

(28) Idem — 31 de dezembro de 1876.

"Nada me agrada tanto como estar sentada à minha janela a tecer o Ponto de Alençon".⁽²⁹⁾

Sabendo, por experiência própria, o que é o labor cotidiano, tinha um grande interêsse pelas empregadas, e as retinha por muito tempo. Em casa, a empregada fazia parte da família. Assim, quando se tomou a resolução de despedir aquela que prejudicava Leônia, a pobre moça chorou tanto que obteve licença de ficar para cuidar de mamãe, cuja doença progredia espantosamente.

Numa carta a nosso tio Guérin, mamãe resume sua concepção social a respeito dos empregados:

"Não é sempre o avultado salário que assegura a afeição dos criados. É preciso que sintam amados, é preciso testemunhar-lhes simpatia e não ser duro demais para com êles. Quando têm uma boa índole, é certo que servirão com amor e devotamento.

Sabes que sou muito viva e entretanto tôdas as empregadas que tive me queriam bem e fico com elas o tempo que quero. A que tenho agora ficaria doente se fôsse preciso sair. Estou certa de que se lhe oferecessem duzentos francos a mais ela não nos deixaria. E' verdade que trato minhas empregadas tão bem quanto as minhas filhas".⁽³⁰⁾

Suas rendeiras não eram excluídas dêste cuidado atento e afetuoso.

Aos domingos, após as vésperas, visitava as que estavam doente, levando-lhes com o conforto moral, os socorros materiais.

(29) Idem — 28 de setembro de 1872.

(30) Carta de 2 de março de 1868.

Espírito de fé e vida cristã

Tôda a correspondência de minha mãe testemunha seu cuidado em reservar a Deus o primeiro lugar, em considerá-lo como Pai e encarar os acontecimentos sob o prisma da fé.

Escrevia a respeito de amigos virtuosos, muito caridosos, mas que achavam ser Deus grande demais para se ocupar conosco:

“Fico muito triste vendo que amigos tão bons têm tais sentimentos. Eu sei que Nosso Senhor cuida de mim, senti-o muitas vezes em vinda vida e sobre isso quantas lembranças que jamais se apagarão de minha memória!”⁽³¹⁾

Eram-lhe como que naturais o desprezo do mundo e um grande desapêgo dos bens da terra. Seu espírito prendia-se somente às realidades da vida futura. Parece-me ainda ouvi-la declamar trechos poéticos de suas leituras, e era sempre com um tom cheio de melancolia, pois sentia-se exilada na terra.

Testemunha-o o seguinte dirigido aos que morreram à vida presente:

“Oh! falai-me dos mistérios daquele mundo que meus desejos pressentem, em cujo seio minha alma fatigada das sombras da terra suspira por se lançar. Falai-me d’Aquele que o fêz e o enche de Si próprio”.⁽³²⁾

E acrescentava:

Só Ele pode encher o vazio imenso que cavou em mim!”

São êstes pensamentos o objeto das conversas com sua irmã Visitandina. Faz esta confidência a seu ir-

(31) Carta a Paulina, 12 de março de 1876.

(32) LAMENNAIS, “Uma voz de prisão”.

mão: “Nós falamos juntas de um mundo misterioso, angélico...”

E ao ser esta chamada a Deus:

“Meu espírito não habita mais na terra, viaja por esferas mais elevadas e não vou poder falar contigo das cousas da terra”.⁽³³⁾

Maria por sua vez, afirmou no Processo:

“Meus pais tinham uma fé profunda e de ouvi-los conversar sobre a eternidade, sentíamos-nos, pequeninas ainda, inclinadas a considerar as cousas do mundo como pura vaidade”.

Assim sendo, nossa mãe podia escrever mesmo de Leônia: “Ela ouve falar tanto da outra vida, que por sua vez fala disso freqüentemente”.

Mamãe repetia sempre:

“Não há verdadeira felicidade neste mundo, perde-se tempo em procurá-la aqui”.⁽³⁴⁾

E ainda:

“Em que ilusão vivem a maior parte dos homens! Possuem riquezas? Querem logo honras. E quando as obtêm são ainda infelizes pois nunca está satisfeito o coração que procura outra coisa a não ser Deus”.⁽³⁵⁾

Escrevia:

“É bem verdade que não se é feliz neste mundo. Conheço pessoas (...) que chegaram a uma grande fortuna e são infelizes, justamente por causa disso”.

Estava assim desiludida dos bens da terra e esclarecida sobre os que os possuem. Depois de ter falado de uma senhora recém-casada que ela estimava e que após seu casamento não mais a olhava, diz:

(33) Carta de 5 de março de 1865.

(34) Carta a sua cunhada, 14 de abril de 1868.

(35) Idem, 14 de maio de 1876.

“Isso me desprende cada vez mais dêste mundo tão falso. Não quero apegar-me a mais ninguém a não ser a Deus e a minha família”.⁽³⁶⁾

Eu poderia multiplicar as citações de suas cartas a êsse respeito. Refiro ainda algumas que reforçam seu pensamento. Após ter narrado a seu irmão, jovem ainda, a morte trágica de um casal que se cria as criaturas mais felizes do mundo, conclui:

“Sempre ouvi dizer: “Infeliz, três vezes infeliz quem tem semelhante linguagem”! Meu caro irmão, estou tão persuadida do que te digo que em certas épocas de minha vida em que sentia ser feliz, pensava nisso tremendo, pois é certo e provado pela experiência que não há felicidade sôbre a terra... Não, a felicidade não pode encontrar-se aqui. É mau sinal quando tudo prospera. Deus assim quis em sua sabedoria, para lembrar-nos que a terra não é nossa verdadeira pátria”.⁽³⁷⁾

Esgotada por um trabalho esmagador, prevê que êle lhe abrevia a vida, e confessa ainda a seu irmão:

“Consolar-me-ia facilmente se não tivesse filhos a educar. Saudaria a morte com alegria como se saúda a aurora amena e pura de um belo dia”.

Como já mencionei, minha mãe tinha desejado a vida religiosa, da qual conservava às vezes como que uma nostalgia, mas sem jamais perder de vista seu dever de estado.

“Penso freqüentemente, escrevia com resignação a nosso tio, em minha santa irmã, em sua vida calma

(36) Carta a seu irmão e cunhada, 21 de julho de 1872.

(37) Carta de 28 de março de 1864.

e tranqüila. Ela trabalha não para ganhar riquezas perecíveis. Entesoura para o céu, objeto de todos os seus suspiros.

E eu me vejo aqui, curvada para a terra, tendo um trabalho extremo para ajuntar um pouco de ouro que não levarei comigo e que não desejo levar. Que faria com êle lá em cima? Às vêzes, ponho-me a lamentar-me por não ter seguido o seu exemplo, mas digo imediatamente:

“Não teria minhas quatro filhinhas, meu encantador José! Não, é preferível que eu fique a penar onde estou e tê-los. Contanto que eu chegue ao Paraíso com meu querido Luís e os veja lá todos bem melhor colocados do que eu, ficarei muito feliz. Não peço mais nada”.⁽³⁸⁾

Bem mais tarde, escreve no mesmo sentido:

“...Sonho sempre com o claustro e a solidão. Não sei mesmo, com as idéias que tenho, como não foi minha vocação ficar solteira no mundo ou encerrar-me num convento. Gostaria de viver até a velhice para retirar-me à solidão quando meus filhos estivessem educados. Mas sinto que são idéias ôcas. Também, não me detenho nisso, é melhor empregar bem o tempo presente do que imaginar o futuro”.⁽³⁹⁾

No dia já longínquo de seu casamento êsses mesmos pensamentos fizeram-na chorar copiosamente. Procurou excusar-se junto de sua Paulina a quem fazia esta confidência:

“Tu que amas tanto teu Pai podes pensar que eu o penalizava (...) Mas, não, êle me compreendia e me consolava do melhor modo possível, pois tinha gos-

(38) Carta de 23 de dezembro de 1866.

(39) Carta a Paulina, 16 de janeiro de 1876.

tos semelhantes aos meus. Creio mesmo que nossa afeição recíproca aumentou mais, nossos sentimentos estavam sempre em uníssono. Ele foi sempre para mim um consolador e um apoio".⁽⁴⁰⁾

E foi sempre assim entre eles.

Compreende-se pois sua felicidade em tratar com a querida Visitandina de assuntos sobrenaturais, seja pela correspondência, infelizmente destruída, seja nas visitas ao locutório — doces instantes que renovavam suas forças morais. Também, a morte da irmã muito amada deixou em sua vida um vazio profundo!

Mas eis como era considerada essa provação sobre a qual tenta consolar antecipadamente sua filhinha interna em Mans:

"Coragem, minha querida Paulina, precisamos submeter-nos ao que Nosso Senhor nos enviar. Se eu perder minha querida irmã não chorarei por ela, mas por mim, pois ela estará muito feliz, e nós, nós é que estaremos na aflição! Este sofrimento, porém, será amenizado pela certeza de sua felicidade".

Acentua seu pensamento escrevendo à cunhada:

"...É muito triste, mas teremos sempre a consolação de sabê-la no Céu. Para mim, é o *essencial*".⁽⁴¹⁾

Nossa mãe era muito humilde. Acusa-se frequentemente em suas cartas de suas imperfeições:

"Digo muitas vezes ao dia: Meu Deus, desejo muito ser santa! Mas, depois não faço as obras".⁽⁴²⁾

(40) Idem.

(41) Carta de 7 de dezembro de 1876.

(42) Carta a Paulina, 26 de fevereiro de 1876.

Numa festa de Todos os Santos insiste com encantadora simplicidade:

"Desejo ser santa, não será fácil, há muito que cortar e a lenha é dura como pedra. Teria sido melhor começar mais cedo, quando era menos difícil, mas enfim "antes tarde do que nunca".⁽⁴³⁾

Esta mesma ambição, como já notei, estende-se a todos os que lhe são caros. Escreve a seu irmão:

"Vejo com prazer que és considerado em Lisieux. Tornar-te-ás um homem de valor. Fico muito contente com isso, mas desejo de preferência que sejas santo. Antes, porém, de desejar a santidade para os outros eu faria bem de me encaminhar por essa via, cousa que não faço. Enfim, é preciso esperar consegui-lo".⁽⁴⁴⁾

Ela se julgava assim. Entretanto, era muito mortificada e rigorosamente fiel aos jejuns e abstinências da Igreja. Até rigorosa demais, o que inquietava nossa tia Visitandina, por ela e suas filhinhas. Isso levava-a a abrir-se com seu irmão e com sua cunhada:

"...Todo aquele povinho não é forte, a começar pela mãe. Ela tem dores nas costas e no peito e tosse todo o inverno. Seria uma perda muito grande para a família. Gostaria que consultasse um médico antes de começar o jejum da Quaresma, que ela pretende fazer".

Até em sua última doença, nossa mãe fez questão de observar essas prescrições de penitência. Quando, em dezembro de 1876, alguns meses antes de morrer, precisou ir a Lisieux consultar um cirurgião afamado, sua preocupação era obter que seu irmão a deixasse observar as Quatro Têmporas. Previne-o de sua decisão escrevendo-lhe:

(43) Carta a Maria e Paulina, 1 de novembro de 1873.

(44) Carta de 29 de março de 1874.

“Sabes que é jejum e eu jejuo, pois não estou tão doente para dispensar-me. Por isso não prepares nada para mim”.

Seu mérito era tanto maior quanto mais isso lhe custava, como confiava a seu íntimos. Lemos numa carta à Sra. Guérin, no período da Quaresma:

“Estamos em pleno tempo de penitência. Felizmente, terminará logo. Sofro tanto com o jejum e a abstinência! Não é porém uma mortificação muito dura, mas estou tão mal do estômago e sobretudo tão sem coragem que não faria absolutamente nada se escutasse minha natureza”.

E no ano seguinte a Paulina:

“Não restam senão vinte e um dias, mas vinte e um dias muito longos, pois preciso jejuar. É muito penoso!

“...Preciso porém terminar minha carta, pois já é bem tarde e levanto-me cedinho. E’ duro para mim com o jejum da Quaresma. Suspiro pela Páscoa!”⁽⁴⁵⁾

Nada impedia nossos pais de observarem o jejum, mesmo à presença de estranhos. Tendo chegado um amigo inesperado, minha mãe alegrou-se por ter sido êle convidado alhures. Escrevia:

“Ontem à tarde, pelo contrário, fiquei contente de não hospedá-lo por causa do jejum. Êle seria obrigado a comer sòzinho. Ficaria constrangido e nós também”.⁽⁴⁶⁾

(45) Carta de 12 de março de 1876. — Deve-se notar que minha mãe observava o jejum sem nada tomar de manhã até meio-dia e à tarde contentava-se com uma leve colação. As dispensas da Igreja concernentes aos jejuns e abstinências vieram somente pouco a pouco, e infelizmente muito tarde para que pudesse aproveitá-las.

(46) Carta a sua cunhada, 14 de março de 1875.

Mamãe levava vida de piedade profunda. Tôdas as manhãs, caso não houvesse impedimento, assistia com meu pai à Missa de cinco e meia, em que comunhavam juntos, sempre que lhes permitia o costume do tempo. Aos domingos iam à Missa solene e às Vésperas. Ela interrompia, sem cerimônias, visitas ou ocupações para assistir a êsse último ofício, tão freqüentemente negligenciado por muitos cristãos. Sua correspondência testemunha-o repetidas vêzes:

“Estou muito cansada esta tarde, saímos meio-dia e meia para ir ao cemitério. Fazia um calor sufocante. Teresinha não podia mais andar e fui obrigada a carregá-la na volta. Fi-la deitar e dormiu um bom sono durante duas horas, assim como Celina. Enquanto isso, fui às Vésperas, teu pai ficou com elas”.⁽⁴⁷⁾

Nos últimos domingos antes de sua morte, mamãe arrastou-se ainda à igreja, apoiada ao braço de algum dos seus. Por nenhum preço consentia em deixar sua comunhão à primeira sexta-feira do mês. Fê-la pela última vez em agosto de 1877, como se verá mais adiante, vencendo seu esgotamento, acompanhada por nosso pai e detendo-se a cada passo.

Era em família que rezávamos as orações da manhã e da noite, o Benedicite e as graças. E tôdas as festas eram celebradas em comum.

A êsse propósito não posso deixar em silêncio a festa de cada semana: o domingo. Minha mãe louvava meu pai por sua observância estrita dêste santo dia, atribuindo-lhe a prosperidade de sua casa. Fazia essa predição a seu irmão e cunhada, que se achavam então provados pela adversidade:

(47) Carta a Paulina, 21 de maio de 1876.

“...Tenho a firme esperança de que êsse tempo de prova não continuará. O que me dá essa confiança inabalável é principalmente a maneira edificante com que santificais o domingo. Todos os fiéis observantes do dia do Senhor, sejam perfeitos ou imperfeitos, têm bom êxito em suas emprêsas e por um meio ou outro se tornam ricos”.⁽⁴⁸⁾

Ela própria era escrupulosa nessa observância. Maria conta que estando a ordenar uma gaveta ouviu-a exclamar de repente: “Oh! meu Deus, hoje é domingo!” E logo êsse trabalho insignificante e inóceno foi abandonado.

Escrevia a respeito de uma viagem:

“Domingo tomarei o trem para Lisieux (...)

Desta vez é-me impossível partir no sábado, e no domingo não poderei viajar a manhã toda. Seria contrário a meus princípios, pois acho que devemos estar atentos a não cooperar com o trabalho do domingo”.⁽⁴⁹⁾

E mais tarde, já muito doente, partia nesse dia com uma romaria, para Lourdes:

“...Nosso Senhor sabe bem que desta vez não se pode fazer de outra maneira. Tomaremos o trem à tarde a fim de podermos assistir a todos os ofícios da manhã”.⁽⁵⁰⁾

Nossa mãe colocara-se sob a direção do Pároco de Montsort, freqüentava o mosteiro das Clarissas de Alençon, e era muito assídua às reuniões da Ordem

(48) Carta de 29 de setembro de 1876. A previsão era justa, pois dezesseis anos mais tarde, o Sr. e a Sra. Guérin recebiam uma riquíssima herança.

(49) Carta a seu irmão, 26 de novembro de 1871.

(50) Carta a Paulina, maio de 1877.

Terceira de São Francisco à qual pertencia. As monjas dêsse convento recebiam a confiança de suas intenções e sofrimentos.

A Arquiconfraria do Coração Agonizante de Jesus, assim como várias outras Associações religiosas tinham-na inscrita entre seus membros. Reconheçamos entretanto que ela sabia escolher. Era inimiga de “devoçõesinhas” que, por suas complicações, vão contra o espírito do Evangelho, tirando-lhe sua forte e viril simplicidade.

Minha mãe não só participava dos ofícios paroquiais fora dos dias obrigatórios, como prova êste exemplo dois meses antes de sua morte: “Está na hora da bênção e eu quero ir”,⁽⁵¹⁾ mas também não consentia em perder os sermões, mesmo durante a semana.

E não era sem força de vontade! Numa de suas cartas, depois de ter dito que “apesar da febre que a minava havia seis semanas, na ocasião em que esperava um filho e fazia todo o trabalho como de costume”, ela acrescenta:

“Levantei-me todas as manhãs às cinco e meia, durante mais de quinze dias para ir a São Leonardo ouvir os Capuchinhos que pregavam uma missão”.⁽⁵²⁾

Doutra feita afirma francamente que é “por dever que vai ouvir certas pregações”.

Gostava do canto da igreja, sobretudo quando era simples, pois não apreciava os cânticos ou as missas cantadas em estilo teatral e artificial.

Nossa mãe tinha uma devoção intensa por Nossa Senhora. Reconhecia ter obtido muitas vezes diversas graças importantes por sua intercessão.

(51) Carta a seu irmão e cunhada, 7 de junho de 1877.

(52) Carta a sua cunhada, 12 de fevereiro de 1870.

Pede a seu irmão, estudante de medicina em Paris, que acenda velas por sua intenção no santuário de Nossa Senhora das Vitórias, tão querido à nossa família. Dava-lhe êste conselho, sabendo-o tão exposto ao perigo na capital:

“Se consentisses ao menos em fazer uma cousa que te vou dizer e dar-ma como presente de festa, eu ficaria mais contente do que se me enviasse todo Paris. E’ o seguinte: tu moras pertinho de Nossa Senhora das Vitórias. Pois bem! Entra aí uma vez por dia para rezar uma Ave-Maria a Nossa Senhora. Verás que Ela te protegerá de maneira tôda especial e te fará triunfar neste mundo para dar-lhe em seguida a eterna felicidade. O que te digo não é piedade exagerada de minha parte e sem fundamento. Tenho motivos para ter confiança em Nossa Senhora. Recebi dela favores que só eu conheço”.⁽⁵³⁾

Por isso a imagem da Imaculada que iria sorrir a Teresa quando menina, era cercada de honras. Certo dia, Maria nossa irmã mais velha achando essa imagem muito grande para o quarto onde estava colocada disse “que parecia uma imagem de escola” e quis trocá-la de lugar. Mamãe protestou logo:

“Quando eu morrer, minha filha, farás o que quiseres, mas enquanto eu viver esta Nossa Senhora não sairá daqui”.

Era a seus pés que rezava conosco. Beijávamo-la tanto que os dedos viviam quebrando-se e era preciso ter de reserva vários pares de mãos!

Assistíamos ao mês de Maria na igreja, entretanto minha mãe queria também um mês de Maria em casa

(53) Carta de 1.º de janeiro de 1863.

e o queria tão belo que minha irmã brincava gentilmente dizendo-lhe “que êle fazia concorrência com o de Notre-Dame”. Era na verdade suntuoso. Além das cortinas de renda sôbre fundo azul, mamãe pagava uma pobre mulher para que trouxesse do campo um verdadeiro feixe de flores, galhos de pilriteiro branco que nunca eram grandes demais.

Colocados em vasos êsses galhos floridos subiam até o teto, o que fazia a alegria de Teresinha que batia palmas!

Entre as graças extraordinárias atribuídas à intervenção dessa imagem, que é chamada agora a *Virgem do Sorriso*, devo mencionar esta que ouvi contar muitas vezes:

Após a morte de Heleninha com a idade de cinco anos, lembrando-se minha mãe de uma leve mentira que dissera a criança, lamentava-se amargamente não a ter feito confessar-se dessa falta. Temia que a expiasse no Purgatório. Em oração diante da Madona, ela lhe confiava sua angústia, quando uma voz celeste murmurou-lhe com doçura infinita: “*Ela está junto de mim*”. A esta resposta da divina mãe, uma alegria indizível substituiu sua ansiedade.

E’ preciso notar que nossa mãe tinha particular devoção pelo privilégio da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem.

O dia 8 de dezembro era sempre festejado por ela com vivíssimo fervor. Na manhã dêsse dia era a primeira a ir à igreja. Acendia uma vela aos pés de Maria e formulava-lhe todos os seus desejos e sua gratidão.

Foi assim o 8 de dezembro de 1860, a que já me referi. Suplicava à Virgem puríssima que lhe concedesse uma segunda filhinha. Segundo sua expressão, parecia “uma criança que pede uma boneca a sua mãe”.

Essa boneca viva foi a Paulinazinha, nascida no dia 7 de setembro do ano seguinte. Narrando-lhe minha mãe esta recordação já bem distante, escrevia: “Este ano irei ainda cedinho ter com Nossa Senhora. Quero ser a primeira a chegar. Oferecer-lhe-ei minha vela como de costume, mas não lhe pedirei mais filhinhas! Rogar-lhe-ei somente que faça santas as que me deu e que eu as siga de perto, mas é preciso que sejam bem melhores do que eu”.⁽⁵⁴⁾

Era notável sua confiança nos milagres de Nossa Senhora de Lourdes, bem como sua união às peregrinações que meu pai fazia a este santo lugar, embora não tivesse atrativo pessoal pelas viagens. Confiava à sua cunhada:

“As viagens não me tentam. Sinto atrativo por uma só: visitar a Terra Santa”.

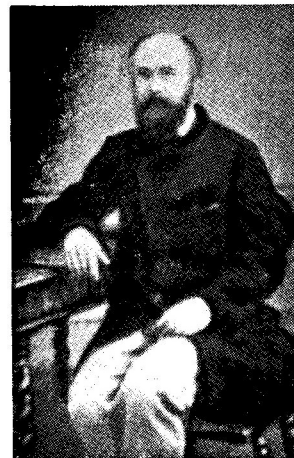
Foi, porém, a Lourdes, no fim de sua vida, para obter a cura.

As intervenções de Nossa Senhora tinham o dom de comovê-la. Foi com grande interesse que, nos dias mais sombrios da guerra de 1870, soube pela imprensa das aparições da Santíssima Virgem às criancinhas de Pontmain. Estamos salvos! exclamou convicta.

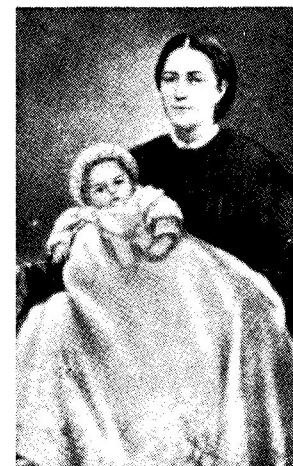
Contudo sua fé não a levava para o maravilhoso. Falava-se muito, então, de profecias, mas ela se ria disso.

Não posso evocar a devoção de minha mãe pela Rainha do Céu sem dizer uma palavra sobre a que reservava a São José. Uma era inseparável da outra.

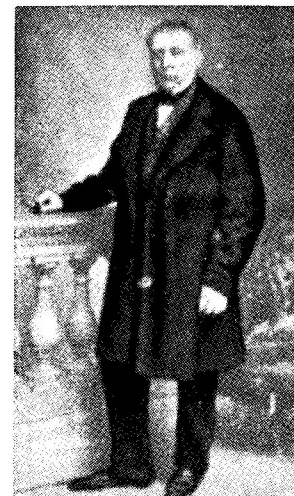
(54) Carta de 5 de dezembro de 1875.



SR. MARTIN
(com 40 anos aproximadamente)



SRA. MARTIN
E O PEQUENO JOSÉ LUIS



SR. GUÉRIN, PAI



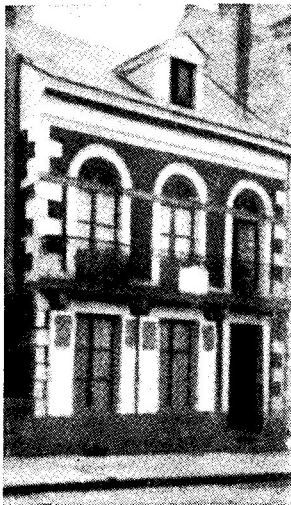
A HELENINHA



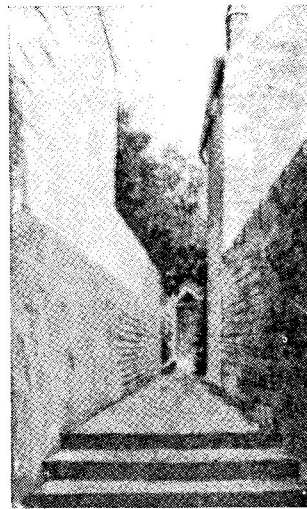
VISTA DOS FUNDOS DA
RELOJOARIA
(lado do jardim)



A RELOJOARIA-JOALHARIA
DE ALENÇON
na rua Pont-Neuf



CASA DA RUA SÃO BRÁS
(antes da ereção da capela)



ENTRADA PARA O JARDIM.
rua São Brás

É a este grande Santo que se atribui a cura de Teresinha, com algumas semanas apenas, como menciona sua correspondência.

Apesar das opiniões opostas fazia questão de dar o nome de José a um terceiro filho, se essa alegria lhe fôsse concedida. Explica-o gracejando a seu irmão após o nascimento de Teresa:

“...Antes do nascimento da criança, ela (Irmã Maria Dositéia), crendo que seria menino, escrevera-me para que não lhe desse o nome de José, mas o de Francisco, como se suspeitasse ter sido o bom São José quem arrebatou meus filhos! Respondi-lhe que quer morresse quer não, êle se chamaria José”.⁽⁵⁵⁾

Se se verificam na vida de minha mãe graças palpáveis concedidas à confiança de suas orações, não encontramos entretanto fenômenos extraordinários. Não se pode dar êsse nome às inspirações interiores de que falei sobre seu trabalho e seu casamento, nem tão pouco aos favores obtidos de Nossa Senhora em resposta a suas súplicas.

Todavia, mamãe conta o que lhe aconteceu certo dia ao terminar uma leitura espiritual que aludia a vexames diabólicos. “Não será comigo que se darão semelhantes assaltos, pensava, aliviada. Só os Santos poderão sofrê-los”. No mesmo instante uma espécie de apêto monstruoso tomou-a pelos ombros. Mas logo a oração brotou de seus lábios e a fez recobrar a serenidade. Devo frisar que nessa época ela esperava o nascimento daquela que se tornaria a Santa Teresinha. Aliás, não deu importância alguma ao fato, preferindo viver de fé pura e simples com toda a segurança.

(55) Carta de 1.º de março de 1873.

Com essa certeza sobrenatural eram encarados os acontecimentos da vida.

Meu tio Guérin encontrou numerosos dissabores no exercício de sua profissão, principalmente no princípio, quando quis anexar uma drogaria à sua farmácia. Nossa mãe afligia-se como se se tratasse de seus próprios interesses. Contudo, ela o estimula com belos pensamentos como êstes:

“Minha irmã falou-me muito de teus negócios... Eu lhe disse que não quebrasse a cabeça com tudo isso, pois só há uma cousa a fazer: rezar. Nem ela nem eu podemos ajudar-te de outra maneira. Nosso Senhor que não se embaraça com nada poderá tirar-nos da dificuldade quando achar que já sofremos bastante e então reconhecerás que não deves teus sucessos à tua capacidade ou à tua inteligência, mas a Deus só, como eu também com o meu Ponto de Alençon. Esta convicção é muito salutar. Eu própria fiz essa experiência.

“Sabes que todos nós somos inclinados ao orgulho e noto muitas vezes que aquêles que adquiriram fortuna, são na maior parte de um convencimento insuportável. Não digo que tenhamos, eu e tu, chegado a êsse ponto, mas ficaríamos mais ou menos manchados por êsse orgulho, pois é certo que a prosperidade constante afasta de Deus. Ele nunca levou os justos por êsse caminho. Passaram antes pelo cadinho do sofrimento para se purificarem”.⁽⁵⁶⁾

Após um incêndio que causara grande prejuízo à querida família de Lisieux, minha mãe escrevia a sua cunhada:

(56) Carta de junho de 1872.

“...É preciso ter muita fé e resignação para suportar êsse revés sem murmurar e com submissão à vontade de Deus.

“...Sei que podes a confiança em Nosso Senhor. Isso me faz crer que saireis dêsse mau negócio melhor do que pensais.

“A Sra. Y parece bem mais feliz do que vós. Ela vive somente para o luxo e o prazer. Dá bailes no domingo Laetare, e entretanto, crede-me, prefiro ver-vos com vossas adversidades do que imaginar-vos igual a ela, esquecidos do Céu pelos curtos prazeres da terra”.⁽⁵⁷⁾

Amor da Igreja — Eficácia da Oração

Nossa mãe tinha um verdadeiro culto pela Igreja, pelo Papa e pelo Sacerdócio em geral. Afligiu-se muito ao saber o Santo Padre vítima da perseguição, e logo prisioneiro voluntário do Vaticano. Ficou também transtornada quando soube dos acontecimentos da Comuna de Paris com o massacre dos reféns. Suas orações pela Igreja e pela França eram então muito fervorosas.

Mamãe nunca criticava o clero. Em casa não nos ocorria mesmo o pensamento de falar dos defeitos dos padres. Como já mencionei precedentemente ela seguia à letra os mandamentos da Igreja, evitava também comprar ou viajar no domingo. Tinha a peito o alívio da Igreja padecente e mandava celebrar Missas pelas almas dos defuntos.

(57) Carta de 30 de março de 1873.

À morte de seu pai encomendou imediatamente cento e cinquenta, propondo renová-las dentro em pouco.

Ao falecer sua irmã Maria Dositéia apressou-se em enviar dinheiro à Visitação para que mandassem logo celebrar Missas.

Seu amor pela Igreja a impelia a interessar-se pela Propagação da Fé, à qual, de acôrdo com nosso pai, oferecia todos os anos uma grande soma. Tôdas as manifestações da fé católica a faziam vibrar. Os esforços da franco-maçonaria, na França, para descris-tianizar as almas indignavam-na ao máximo.

Fôra seu grande desejo dar um sacerdote ao Senhor, e mais ainda um missionário. Por isso, que alegria, quando seu primeiro José Luís Maria veio ao mundo no dia 20 de setembro de 1866! Escrevia: "Acho que minha fortuna está ganha" e dizia com admiração a nosso pai: "Olha como suas mãozinhas são bem feitas! Que maravilha quando êle subir ao altar ou quando pregar!" Pensava de antemão, com orgulho materno, na alva de Ponto de Alençon que bordaria para êle.

A criança morreu e mamãe teve a idéia de pedir-lhe a cura de sua Helenazinha que sofria muito com uma otite que resistia a todos os remédios.

Seu pedido foi logo atendido, como testemunham estas linhas dirigidas à sua cunhada, cinco anos após o acontecimento:

"Certo dia, ao voltar com ela do médico que não me dissera nada de bom, e diante da impotência de todos, tive a inspiração de dirigir-me a meu José, falecido havia cinco semanas.

Tomo a menina e faço-a invocar seu irmãozinho. No dia seguinte de manhã o ouvido estava perfeitamente curado. Cessou de repente de purgar e a pequena nunca mais sentiu nada. Obtive ainda várias outras graças, mas menos sensíveis do que esta".⁽⁵⁸⁾

Após a morte de seu primeiro filho, nossa mãe fêz uma novena a São José a fim de obter outro para que fôsse padre. Nove meses mais tarde, exatamente no mesmo dia, seu desejo era realizado, mas foi para perder ainda, pouco depois, êsse querido filho.

Maria conta em suas notas íntimas:

"Quando nossa mãe me levava com Paulina, à Visitação de Mans, no momento em que o trem passava diante do cemitério ela se levantava para divisar ao longe o túmulo de seus anjinhos. Se não havia ninguém no compartimento, invocava-os em voz alta".

Houve uma graça obtida do Céu, em nada inferior àquela relatada mais acima, se bem que de outro gênero, cujos admiráveis efeitos não chegou a ver. Em 1873, escrevia às suas filhas mais velhas:

"Espero que as duas comungarão no dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição. Não esqueçais de rezar por Leônia".

Sabe-se como terminou a vida desta filha e com que magnífica vitória foram coroados seus ásperos combates...⁽⁵⁹⁾

Apesar de suas grandes decepções oferecidas a Nosso Senhor com heróica conformidade à sua santis-

(58) Carta de 17 de outubro de 1871.

(59) Ver no apêndice a Carta Circular sobre Leônia — Irmã Francisca Teresa Martin.

sima vontade, nossa mãe desejou pelo menos oferecer suas filhas a Deus na vida religiosa.

Lendo a biografia de Madame Acarie, cujas três filhas entraram para o Carmelo, deixou escapar êste grito de entusiasmo: "Tôdas as filhas carmelitas! E' possível que uma mãe tenha tanta honra?"

Evitava, porém, exercer pressões indiscretas nesse sentido. Contudo, mantinha em casa um clima de piedade e de respeito por tudo que se referia a Deus. As almas eram orientadas espontâneamente para Êle.

Com Paulina, sua íntima, conversava freqüentemente em tom de confidência, como se fôra uma irmã mais velha. Esta lembrar-se-á sempre de suas explicações sôbre a coroa "*branca*", reservada às *virgens*, *as únicas que seguirão o Cordeiro por tôda a parte onde Êle fôr, cantando um cântico nôvo que os outros não poderão cantar*.⁽⁶⁰⁾

Nossa mãe pensou momentâneamente que Maria seria religiosa, e abriu-se a Paulina:

"...Não lhe digas isso, ela pensaria que eu o desejo e na verdade só o desejo se fôr a Vontade de Deus. Contanto que ela siga a vocação que Êle lhe der, ficarei contente".⁽⁶¹⁾

Uma carta a sua cunhada faz-nos penetrar a fundo em seus sentimentos a êsse respeito:

"...Apesar de meu vivo desejo de dá-las a Deus, se Êle me pedisse já êsses dois sacrifícios, fá-los-ia do melhor modo possível, mas não seria sem sofrimento!".⁽⁶²⁾

(60) Apoc. XIV, 3-4.

(61) Carta do dia 5 de dezembro de 1875.

(62) Idem, 9 de julho de 1876.

Caridade para com o próximo

Na opinião de todos, minha mãe possuía, como já disse, um perfeito desinterêsse e um total esquecimento de si. Assim, podia pensar nos outros e devotar-se a seu serviço.

Filha de militar, a coragem era-lhe como que natural e a covardia fazia-a fremir. Para ela, o dever devia primar sempre, dever não sômente para com Deus, mas também para com o próximo e a pátria. Assim, por ocasião da mobilização dos soldados, na guerra de 1870, ao saber que uma senhora da cidade tinha conseguido esconder seu marido, exclamou indignada: "É possível fazer semelhante ação?"

Se o egoísmo a revoltava, a insolúvel luta das classes fazia-a sorrir de compaixão. Sob sua pena, Paulina encontrará um exemplo picante. Trata-se de uma representação de gala realizada no Círculo Católico:

"Distribuíram duzentos convites para as "senhoras ricas" e cartões para as senhoras "menos ricas" e tomaram o cuidado de fazer uma separação entre as duas categorias. Eis que uma senhora cujo filho era dos principais atores, tendo apenas o cartão, disse: "Se não me deixarem ir com aquelas que têm convite, vou buscar meu filho e êle não representará". Contudo não a deixaram passar e ela não ousou levar seu filho, mas o resultado foi um descontentamento geral da parte dos cartões.

Para prevenir uma insurreição promoveram hoje uma festinha onde não há mais distinção. Êsses senhores estão deveras embaraçados para contentar tôda gente. É certo que as grandes senhoras não iriam se não lhes reservassem os primeiros lugares, e de outro lado causa despeito às mães que cedem seus filhos o serem relegadas ao último lugar.

Mas por mais que façam, somente no Céu os pobres poderão ser os primeiros. Na terra é inútil pensar nisso.

Compadecia-se naturalmente dos sofrimentos do próximo. As calamidades públicas comoviam-na profundamente e excitavam sua generosidade. Assim, enviou sua cota por ocasião das inundações de Lisieux em julho de 1875.

Sentia-se inclinada a exercer a caridade no plano mais imediato: o do socorro diário aos que estão na necessidade. E sua fé a levava a pensar primeiro nas almas. Convidava-nos a rezar pelos pecadores, pelos moribundos do bairro, visitava-os, em ocasião oportuna, ajudava-os com seus bens, fazia suavemente com que se voltassem para Deus e chamava o padre à sua cabeceira. Sua correspondência está cheia de numerosos fatos desse gênero.

Numa de suas cartas depois de ter recomendado às orações de Paulina um pobre homem que ia morrer após quarenta anos de abandono dos seus deveres, termina assim:

“Teu pai faz tudo que pode para convertê-lo, mas ele se crê um santo. Acha que não lhe falta mais que receber a coroa de justiça, como S. Paulo! É na verdade um homem bom, todavia mais difícil de se converter do que um mau. Só um milagre da graça pode fazer cair o veu espesso que ele tem diante dos olhos”.⁽⁶³⁾

Ao narrar-lhe seu irmão a volta a Deus de um de seus amigos:

“Tomei a peito sua salvação, escrevia ela. Rezei do melhor modo possível e fiz uma novena em regra

(63) Carta de 14 de maio de 1876.

para ele. Eu esperava de São José sua conversão. Por isso estou muito feliz de que ele tenha terminado como bom cristão”.⁽⁶⁴⁾

E a respeito de uma de suas rendeiras falecida súbitamente:

“Sua lembrança persegue-me por toda a parte (...) Entretanto, o mais penoso para mim é pensar que ela não praticava a religião. Ia à missa apenas duas ou três vezes ao ano”.⁽⁶⁵⁾

A Paulina censura a pusilanimidade de Luísa:

“A empregada foi passar uma semana em sua casa (...) Seu pai aproxima-se do fim a largos passos e não quer ouvir falar de confissão (...) Eu recomendei à filha que prevenisse a tempo o Padre para que o fôsse ver e o preparasse pouco a pouco, mas ela não quis. É como sua mãe que diz: Tem-se muito tempo, ele não está tão mal”. Isso me revolta ao último grau e zango-me com ela”.⁽⁶⁶⁾

De sua alma ardente devorada pelo zelo da salvação dos pecadores, jorrava esta exclamação dolorosa:

“Meu Deus, como é triste uma casa sem religião! Como é terrível a morte aí!”.⁽⁶⁷⁾

Se para levar as almas a Deus, ela contava antes e acima de tudo com a eficácia da graça obtida pela oração, dava também importância à hábil intervenção das criaturas. Sua arma pessoal era a irradiante bondade, dedicada aos seus primeiramente. Levou para o

(64) Carta a seu irmão, 29 de março de 1874.

(65) Carta a Paulina, 26 de fevereiro de 1876.

(66) Idem, 29 de abril de 1877.

(67) Idem, 7 de novembro de 1875.

próprio lar, seu velho pai de caráter difícil. Tratou-o com devotamento incansável, fazendo todo o possível para amenizar seus últimos dias. Desejava mesmo ir para o Purgatório em seu lugar e fez por êle o "Ato heróico".⁽⁶⁸⁾

Nossa mãe testemunhava também por seu irmão, Isidório Guérin, um cuidado atencioso e sem limites. Primeiramente quando estudante em Paris, acompanhava-o de longe, aconselhava-o, como já referi, repreendia-o por vêzes, mas sempre com tanta delicadeza que êle se submetia. Depois de casado, sua solicitude estendeu-se a todo o seu lar. Participava vivamente de suas aflições e alegrias. Esforçava-se por alçar-lhes os corações ao alto pela submissão e gratidão à Divina Providência.

Assim escrevia ao Sr. Guérin, por ocasião da morte de seu terceiro filho, Paulinho, logo ao nascer:

"...Contudo, meu querido irmão, não murmuremos. Nosso bom Deus é o Senhor, Êle pode para nosso bem deixar-nos sofrer muito e muito, mas nunca seu socorro e sua graça faltarão".

A mesma confiança heróica transparecia nestas linhas, vários anos antes, quando êle comprou a farmácia de Lisieux, que ela lamentava tanto por achá-la muito longe de Alençon:

"Eu entrego tudo à vontade e à graça de Deus".⁽⁶⁹⁾

Se, em lugar de reconforto e de simpatia, êle necessitava de um eco alegre por algum bom sucesso, ela sabia exultar. Assim, esta exclamação espontânea, no próprio ano de sua morte, quando seu lar passava pela mais penosa das ansiedades.

(68) Segundo suas cartas ao irmão, outubro de 1868 e 1 de novembro do mesmo ano.

(69) Carta de 22 de abril de 1866.

"Esta boa notícia encheu-nos a todos de alegria, até meu marido, tão triste por causa de minha saúde".⁽⁷⁰⁾

A delicadeza de seu coração manifestava-se também para com os estranhos:

Durante a guerra de 1870, obrigada a alojar nove soldados alemães, notou que um dêles parecia triste e aflito por estar longe de sua casa. Não hesitou em falar-lhe e em dar-lhe às escondidas alguns alívios, o que muito o comoveu. Mamãe encarregava Luísa, a empregada, de socorrer as famílias necessitadas, quando ela própria não o podia fazer.

Esta dava, bem mais tarde, êste testemunho:

"Só eu sei quantas moedas de dois francos e pratos de ôlha ela me mandava levar aos pobres!...⁽⁷¹⁾

Todavia era sobretudo a suas filhas que ensinava a dar esmola aos infelizes e a respeitá-los. Vi frequentemente em casa alguns dêles, aos quais se davam alimentos e roupas. Nossa mãe ficava com os olhos rasos de lágrimas ao ouvi-los narrar suas misérias.

Na Primeira Comunhão de Leônia quis vestir de branco uma neo-comungante pobre e fazê-la participar, no lugar de honra, do jantar de família.

Certo dia, em viagem, chamou a atenção de uma vizinha que fazia cara feia à chegada de uma mãe com duas crianças de colo. No fim da viagem, ajudou essa senhora a ir para casa com as crianças e os pacotes, e só chegou à rua St. Blaise à meia-noite, em companhia de meu pai que tendo ido esperá-la na estação prestou-lhes seu auxílio.

Ficou-me gravado na memória um rasgo de caridade de ambos. Eu contava então sete anos e lembro-

(70) Carta a sua cunhada, 5 de janeiro de 1877.

(71) Carta de Luísa Marais, Sra. Le Gendre, 22 de julho de 1923.

-me como se fôsse ontem. Narrá-lo eu própria teria menos interêsse do que recolhê-lo da pena de minha mãe que escrevia a Paulina:

“Fizemos um longo passeio nos campos. À volta encontramos um pobre velho que tinha boa aparência. Mandeí Teresa levar-lhe uma esmolinha e êle ficou tão sensibilizado, agradeceu-nos tanto que vi estar na necessidade. Disse-lhe que nos seguisse para dar-lhe sapatos. Êle veio. Servimos-lhe um bom jantar, pois morria de fome.

Impossível dizer-te tôdas as misérias que acompanham sua velhice. Passou o inverno com os pés gelados. Mora num casebre abandonado. Falta-lhe tudo. Vai encolher-se junto aos quartéis para receber um pouco de sopa. Enfim, disse-lhe que viesse sempre que quisesse e teria pão. Eu gostaria que teu pai o internasse no Asilo; êle o deseja tanto. Vamos providenciá-lo.

Estou triste desde êsse encontro, penso constantemente no pobre homem, que no entanto, estava com um ar todo feliz com as poucas moedas que lhe dei. “Com isto, dizia êle, terei sopa, irei amanhã aos fornos econômicos, depois comprarei cigarro e mandarei fazer a barba”. Numa palavra, êle estava contente como uma criança. Enquanto comia, pegava os sapatos, olhava-os e sorria-lhes”.⁽⁷²⁾

Afinal meu pai conseguiu interná-lo nos Inválidos. O pobre velho chorava de alegria.

Devo aludir também à intervenção de minha mãe para subtrair uma menina a mulheres execráveis que a exploravam. O caso levou-a até perante os tribunais.

(72) Carta de 14 de maio de 1876.

Mas prosseguiu até o fim apesar dos aborrecimentos que êsse negócio lhe acarretou, a ponto de arrancar-lhe êste suspiro:

“Se a gente não trabalhasse por Nosso Senhor, seria desanimador fazer o bem”.⁽⁷³⁾

O perdão das injúrias e erros coadunava-se em seu grande coração, com a necessidade de tornar felizes os que a cercavam. A propósito de um muro que se desmoronara, o vizinho intentou um processo contra meus pais, e convocou-os perante o Juiz de Paz”.

Minha mãe relata o incidente a Paulina nestes termos:

“Teu pai foi apresentar-se. Explicou tão bem o caso, que todos, inclusive o Juiz, ficaram indignados com nosso vizinho.

...A cousa está neste ponto, não sei quando terminará. Não me preocupo muito. Devemos aceitar as contradições com paciência, pois é preciso sofrer sobre a terra. Se isso pudesse ao menos abreviar-nos um pouco o Purgatório, bendiríamos o Sr. M. no outro mundo por no-lo ter feito passar nesta vida. Mas é preferível que seja êle a fazer-nos essas injustiças do que se tivéssemos que nos censurar ter-lho suscitado a quarta parte”.⁽⁷⁴⁾

De outra feita foi a respeito de uma costureira que precisamos deixar porque além do trabalho mal feito, não se podia fazer-lhe uma simples admoestação e nem mesmo dar um conselho.

(73) Carta de novembro de 1875.

(74) Carta de 26 de março de 1876.

Minha mãe escrevia:

"...Encontrei-a quarta-feira (...) Eu tinha acabado de comprar o tecido para os vestidos das pequenas. Essa pobre moça chorou e pediu-me perdão. Apertava-me as mãos com tanta afeição que não pude resistir. Nem é preciso tanto para que eu não fique mais zangada. Assim, reconciliamo-nos imediatamente".⁽⁷⁵⁾

Já referi como minha mãe era boa para com os empregados de casa, inclusive os operários que aí trabalhavam ocasionalmente: jardineiros, pedreiros, etc. Esforçava-se, em primeiro lugar, por fazer a todos o bem espiritual, abri-los um pouco mais à verdade religiosa e ao amor de Deus.

Quando a empregada ficava doente, cuidava dela como se fôsse sua própria filha. Chegou a passar três semanas, dia e noite, à cabeceira de Luísa que tinha crises terríveis de reumatismo articular. Não queria a nenhum preço mandá-la para o hospital.

A exemplo de meu pai praticava igualmente a benevolência no julgamento. Não falava mal do próximo e era mesmo escrupulosa e delicada nesse ponto, acusando-se às vezes com muita humildade das pequenas saídas que sua vivacidade encontrava facilmente. À sua morte verificou-se que ela só tinha amigos. Foram numerosos os que choraram como a uma benfeitora.

Ela própria dá êsse testemunho numa carta a sua cunhada, algumas semanas apenas antes de sua morte. Trata-se de uma de suas rendeiras de Ancines, perto de Alençon:

(75) Carta a Paulina, 12 de março de 1876.

"Desde que ela ouviu dizer que estou doente, sem saber ao certo o que é, veio expressamente para me ver, há dois meses mais ou menos. Conte-lhe tudo, ela se desfez em lágrimas e mostrou-me tanta simpatia como se fôsse irmã".

Abandono a Deus e paciência na provação

Pôde-se observar por certas passagens que extraídas das cartas de minha mãe que o que mais a caracterizava era a certeza de que Deus dirige tôdas as cousas, que Ele nos ama e que tudo o que faz é bem feito. Ela repete sem cessar essas verdades. Tôda a base da educação que nos dava era essa convicção de que *somos amados por Deus*, convicção tão profundamente enraizada em sua alma que dela vivia.

A propósito de sua doença escrevia à Sra. Guérin: "...Meu irmão pretende que Nosso Senhor só me curará para a sua glória. Mas eu digo que tudo reverte para a glória de Deus, e que Ele não pensa absolutamente só em si. Faria um milagre para mim, ainda que ninguém no mundo o soubesse".⁽⁷⁶⁾

Êsses sentimentos foram sempre os seus. Numa carta de 1.º de janeiro de 1863 jorra êsse transporte de gratidão e de esperança:

Quando penso em tudo o que Deus, em quem depuseti tôda a minha confiança e em cujas mãos entreguei o cuidado de meus negócios, fêz por mim e por meu marido, não posso duvidar que sua Providência vele sobre seus filhos, com particular desvêlo".⁽⁷⁷⁾

(76) Carta de 7 de junho de 1877.

(77) Carta a seu irmão.

Foi essa confiança invencível, ousada mesmo, para com *nosso Pai dos Céus* que a sustentou em suas múltiplas provações.

Conheceu muitas angústias, doenças de seus filhos, a morte de quatro dentre eles, aceitou tudo com admirável resignação, não obstante a sensibilidade por demais viva que lhe tornava muito penosas estas separações e inquietações.

Ah! as inquietações! Após a morte de seus dois pequenos José, escrevia ao aproximar-se o nascimento de outro filho:

“...Não podes imaginar como o futuro me atemoriza a respeito do pequenino ser que espero. Parece-me que a sorte dos dois últimos será a sua. Isso é para mim um pesadelo contínuo. Creio que a apreensão é pior do que o próprio mal. Ao acontecer-me êsses infortúnios, sinto-me bem resignada, mas o temor é para mim um suplício. Esta manhã durante a Missa tinha idéias tão negras a êsse propósito que estava trans-tornada.

...O melhor é entregar tôdas as cousas nas mãos de Deus e esperar os acontecimentos na calma e no abandono à sua vontade. É o que vou esforçar-me por fazer”.⁽⁷⁸⁾

E após o nascimento da quinta filha:

...Esperava, no entanto, que fôsse um menino, mas se Nosso Senhor não quer, conformo-me com sua Vontade”.⁽⁷⁹⁾

Esse refrão de abandono total está constantemente em seus lábios e em sua pena, quaisquer que sejam as provações que a visitem.

(78) Carta a sua cunhada, 28 de fevereiro de 1860.

(79) Carta ao Sr. Martin, em viagem de negócios, 1869.

Quanto às disposições de minha mãe em face da morte de seus filhos, penso não poder revelá-las melhor do que citando aqui as cartas de sua irmã Visitandina, cujos acentos vibrantes de emoção exprimem também detalhes preciosos sobre os sentimentos de minha mãe quando pedia a Deus um filho e o trazia em seu seio.

Por ocasião da morte de seu pequeno José que voou ao céu com menos de cinco meses, Irmã Maria Dositéia escreveu no dia 15 de fevereiro de 1867:

Querida irmãzinha,

“Recebi teu telegrama ontem à tarde, às cinco e meia. Nosso anjinho já estava no Céu! Querida irmã, como consolar-te? Tenho também necessidade de consolação, estou tôda trêmula e contudo muito resignada à vontade de Deus. “Ele no-lo deu, Ele no-lo tirou, bendito seja seu santo Nome!”

Digo-te que desde o seu nascimento tive sempre o pressentimento do que aconteceu. *Ele foi pedido em condições tais* que no século em que vivemos não se pode realizá-las senão morrendo na idade em que morreu!

...Ontem de manhã, ao pedir a Nosso Senhor após a santa Comunhão, que no-lo deixasse, pois afinal, queríamos criá-lo unicamente para a sua glória e para a conquista das pobres almas, pareceu-me ouvir interiormente a resposta de que: *Ele queria as primícias e mais tarde dar-te-ia outro filho tal qual desejamos*”.

Termina sua missiva com esta lembrança afetuosa para seu cunhado:

“E teu pobre marido, como deve estar desolado! Dize-lhe que esta carta e todos os sentimentos que expri-mo aqui são para ele também”.

Quando morreu o segundo José, no ano seguinte

com oito meses apenas, a Visitandina esforçou-se por consolar ainda minha mãe:

“Como teu coração deve estar ferido por êsse nôvo golpe! Oh! sim, os designios de Deus são impenetráveis! Eu pensava que Ele te deixaria êsse filho, mas Ele sabe melhor do que nós o que nos convém, deixemo-lo agir. Esta vida é tão cheia de misérias... Tu, querida irmã, podes bem dizê-lo, pois desde tua infância até agora quantas penas de todo gênero sofreste! *Mas a alegria virá e a medida de tua alegria será a de tuas aflições.*

Crê pois, sem nenhuma dúvida: semeias agora nas lágrimas, mas colherás na abundância da alegria do Senhor, quando no fim desta miserável vida vires teus belos Anjinhos saírem ao teu encontro narrando as misericórdias do Senhor para com êles, porque os retirou da lama e da corrupção dêste mundo antes que se tivessem manchado!

Querida irmã, queria dizer-te algumas palavras de consolação, mas (...) apesar de achar bom tudo o que o Senhor fêz, minha pobre alma está angustiada. Choro êsse querido pequeno! E depois, tua dor e a de meu cunhado pesam grandemente sobre meu coração. Queria que fôsse só minha e nada deixar para vós, mas não há jeito, cada qual carregará a sua parte. Gostaria que Isidório fôse consolar-vos.

...Aconselho-te, minha pobre e querida irmã, a não pedires mais filhos a Nosso Senhor. Se te der outros, recebe-los-á, se tos tirar submeter-te-ás. Procura educar bem tuas filhas para que elas dêem tanta glória a Deus quanto os maiores santos. Não crês que nossa Bem-aventurada Margarida Maria, por exemplo, tenha salvo mais almas do que muitos missionários? Deus se serve do que há de mais fraco para realizar seus designios.

Enfim, o Senhor contente com tua resignação, dar-te-á talvez ainda o que desejas. Nesta esperança, procura não pôr obstáculo à graça, sê fiel a tudo o que Deus pede de ti”.

Relativamente à morte de seu segundo José, ouvi contar muitas vezes que minha mãe colocou em sua cabeça uma coroa de rosas brancas e ficou junto dêle até a última hora. “Meu Deus, gemia ela por vezes, é possível tê-lo que cobrir com terra?! Mas já que o quereis, que se cumpra a vossa vontade!”

Dois meses mais tarde é sobre os despojos mortais de seu velho pai que ela chora. Irmã Maria Dositéia escreve ao Sr. Guérin suas inquietações sobre a saúde de sua irmã de quem faz um belo elogio:

“Essa pobre Zélia não se consola facilmente de tôdas as perdas que sofreu êste ano. Lembra-se dos serões de outrora animados pelos brinquedos de todos os seus filhinhos. O vovô lá estava, junto de um bom fogo, tomando parte nos jogos da pequena família. Agora acabou-se tudo: o bom velhinho morreu, as crianças partiram... Temo muito que sua saúde se ressinta com tantos abalos.

No entanto, o que me tranqüiliza um pouco é seu espírito de fé, sua coragem verdadeiramente incrível e prodigiosa. Que mulher forte! A adversidade não a abate, a prosperidade não a eleva!”

Quando morreu a Helenazinha com cinco anos apenas, o sofrimento de minha mãe como o de meu pai foi pungente. Juntos, ofereceram-na ao Senhor. Mas, querendo ela própria sepultar seus filhos e colocá-los no caixão, pensou morrer dessa vez.

Eis porque a santa Visitandina de Mans, dirigindo-se a minha mãe, une aos acentos renovados de reconforto celeste, um tom verdadeiramente profético:

“Sursum corda! Corações ao alto! Nosso anjo está no Céu sem ter conhecido as misérias da terra. Passou dos braços de sua mãe querida aos do Senhor, com a veste branca do batismo. Gostaríamos de conservar essa criança, prometia tanto, mas quem pode conhecer o futuro? (...) Não possuí ela os bens verdadeiros que teria talvez perdido mais tarde? Deus não é menos amável quando nos tira do que quando nos dá.

Ó minha querida irmãzinha, como me sinto feliz ao ver tua fé e tua resignação! Reencontrarás logo aqueles que choras e que amaste tanto. Então será para não mais te separar deles. Sim, tua coroa será bela, teu coração está no lugar, mas por tua submissão a tôdas as vontades divinas sai dEle um bálsamo que rejubila o Coração de Deus.

... Não posso deixar de achar que és feliz por dares ao Céu eleitos que serão tua coroa e tua alegria. Além disso, *tua fé e tua confiança que não vacilam jamais terão um dia uma magnífica recompensa.*

... ESTEJA CERTA DE QUE O SENHOR TE ABENÇOARÁ E QUE A MEDIDA DAS PENAS SERÁ A DAS CONSOLAÇÕES QUE TE ESTÃO RESERVADAS. AFINAL, SE NOSSO SENHOR CONTENTE CONTIGO, QUISER DAR-TE ESSE GRANDE SANTO QUE DESEJAS TANTO PARA SUA GLÓRIA, NÃO FICARÁS BEM RECOMPENSADA?”

Vê-se por êstes elogios que minha mãe não se deixava ultrapassar por sua irmã religiosa nos sentimentos de fé invencível e cega esperança em Deus.

Quando sua cunhada, a Sra. Guérin, perdeu seu filho recém-nascido, ela lhe exprime, em têrmos edificantes as próprias impressões à morte do seus. Eis algumas passagens dessa carta:

“O infortúnio que acaba de ferir-vos aflige-me profundamente. Sois verdadeiramente provada! É um de vossos primeiros sofrimentos, minha pobre e que-

rida irmã! Que Nosso Senhor vos conceda a resignação à sua santa Vontade. Vosso querido filhinho está junto dEle, Ele vos vê, vos ama e um dia o reencontrareis. É uma grande consolação que eu senti e sinto ainda.

Ao fechar os olhos de meus queridos filhinhos e ao sepultá-los provava grande dor, mas sempre fui resignada. Não lamentava os sofrimentos e cuidados passados por eles. Várias pessoas me diziam: “Seria preferível não os ter tido”. Eu não podia suportar essa linguagem. Achava que as penas e os cuidados não podiam ser colocados na mesma balança da felicidade eterna de meus filhos. Além disso, não estão perdidos para sempre. A vida é curta e cheia de misérias. Eu os tornarei a encontrar no Céu.

Foi principalmente à morte do primeiro que senti mais vivamente a felicidade de ter um filho no Céu. Nosso Senhor me provou de maneira sensível que Ele aceitava meu sacrifício. Obtive por intercessão dêsse Anjinho uma graça bem extraordinária”.⁽⁸⁰⁾

Rediz ainda a sua cunhada:

“Êsses dois sentimentos de dor e de alegria confundem-se muitas vêzes em mim. Sabemos que a vida é curta e que logo os reveremos”.⁽⁸¹⁾

Minha mãe conta a opinião de alguém que afirmava ter Nosso Senhor arrebatado quatro de seus filhos para aliviá-la um pouco em seus incessantes e penosos trabalhos, ao que ela protestara vigorosamente:

“Não é assim que entendo as cousas... Deus é o Senhor e Ele não tinha que pedir meu parecer. De outro lado, supor-tei muito bem até agora as fadigas da ma-

(80) Carta de 17 de outubro de 1871 (a cura de sua Helena-zinha).

(81) Carta de 5 de novembro de 1877.

ternidade, confiando em sua Providência. Aliás, que quereis? Não se está na terra para ter grandes prazeres; aqueles que esperam gozar estão muito errados e são notavelmente decepcionados em suas esperanças”.⁽⁸²⁾

Ela volta ao pensamento de “que é preciso carregar a cruz de uma maneira ou de outra”.

“Diz-se a Nosso Senhor: “Eu não quero esta cruz”. É-se atendido muitas vezes, mas talvez para nossa infelicidade. É preferível aceitar pacientemente o que nos acontece, pois há sempre uma alegria ao lado da pena”.

E ainda:

“Nosso Senhor (...) não faz as cousas pela metade. Dá-nos sempre o que precisamos; tenhamos todos muita coragem!”⁽⁸³⁾

Ela chama êsse Deus tão bom de: *nosso Pai celeste*...

O que desolava minha mãe era não ter podido amamentar senão os três primeiros filhos, e ter que confiá-los a amas que moravam, por vezes no campo. Impunha-se então fadigas excessivas para visitá-los.

Com relação a Teresa, minha mãe teve uma alegria sem igual. “Desde antes de seu nascimento, eu a ouvia cantar comigo”, confiará ela.

Cheia de felicidade, tenta amamentá-la. Mas a pequena cai doente repetidas vezes e não quer mais o seio materno. Velam-na dia e noite, procuram alimen-

(82) Carta a Paulina, 4 de março de 1877.

(83) Carta a sua cunhada, 1.º de outubro de 1871.

tá-la de outro modo, segundo as prescrições do médico. Num dado momento, crêem-na morta. Tentam, entretanto, chamar com urgência a ama que, vendo o estado da criança meneia a cabeça. Minha mãe então sobe ao seu quarto e suplica a São José que lhe restitua a vida, embora resignada à vontade de Deus, caso Ele queira levar a criança. Ela desce invadida por uma angústia mortal, mas seu benjamin está salvo. Pode-se pensar que a Igreja deve Santa Teresa do Menino Jesus às lágrimas e às orações de sua mãe. E’ preciso porém garantir essa semi-ressurreição por um sacrifício; deixar a ama levar Teresa ao campo.

“O que me consola, escreve mamãe, é pensar que Nosso Senhor quer assim, porque fiz tudo o que pude para criá-la eu própria...”⁽⁸⁴⁾

Três semanas depois, nova crise. Minha mãe foi imediatamente com o médico a Semallé onde morava a ama. Eis seus pensamentos durante o trajeto.

“...Vendo um belo castelo e propriedades magníficas, eu pensava: “Tudo isso é nada, nós só seremos felizes quando estivermos todos reunidos no Céu, nós e nossos filhos. E eu fazia a Deus o sacrifício de minha filha”.

Ela conclui assim:

“Fiz tudo o que estava a meu alcance para salvar a vida de minha Teresa. Agora, se Nosso Senhor quiser dispor de outra forma, procurarei suportar a provação o mais pacientemente possível”.⁽⁸⁵⁾

Por felicidade a pequena sarou.

Nesse mesmo ano de 1873 nossa mãe mostrou seu espírito de *humilde abandono* por ocasião da febre ti-

(84) Carta a sua cunhada, 1873.

(85) Idem, 30 de março de 1873.

fóide de Maria. Foi preciso trazê-la da Visitação a tôda pressa. Essa doença causou a mamãe muitas inquietações e fadigas.

“Quando ela chegou, lê-se numa de suas cartas, meu coração partiu-se. Não posso tirar da cabeça que ela morrerá.

Meu marido está desolado, não sai mais de casa. Enfim, esperamos que Nosso Senhor não permitirá uma provação tão dura como a de perder essa filha. Rezaí por nós, a fim de que se Ele exigir êsse sacrifício, tenhamos a força de suportá-lo”.⁽⁸⁶⁾

Manifestava também sobrenatural coragem, haurida em sua invencível confiança em Deus durante a invasão de 1870, quando se cogitou em destruir a Ponte Nova, bem perto de sua casa. Essa medida unida a outras ameaças de ruína, provocou-lhe esta saída:

“Tôda gente chora, exceto eu!”⁽⁸⁷⁾

Sua confiança transparecia ainda em outras circunstâncias. Esta, por exemplo que decepçiona tantos pais, e que a leva a dirigir estas linhas a sua cunhada que esperava um filho ao mesmo tempo que ela:

“Alegro-me de pensar que no mês de agôsto tere-mos ambas um garotinho. Pelo menos eu o espero. Mas, quer seja menino ou menina, é preciso receber com gratidão o que Nosso Senhor nos der, pois Ele sabe melhor o que nos convém”.⁽⁸⁸⁾

Após o nascimento de Maria Guérin e de sua pequena Melânia Teresa que viverá algumas semanas apenas, ela insiste sôbre a mesma idéia, pois na sua

opinião, orientada unicamente para a alma imortal dos seus, pouco importa que tenha vindo uma menina em vez do menino que se esperava.

“Se fordes como eu, escreve novamente à Sra. Guérin, não vos aborrecereis, pois eu não fiquei nem um momento penalizada com isso”.

Em tudo o que acontece é sempre a mesma reação cristã diante da provação, o que a faz escrever filosoficamente à mesma correspondente:

“Tôda gente tem sofrimentos. Os mais felizes são os menos infelizes. E' bem prudente e mais simples resignar-se à Vontade de Deus e preparar-se de antemão para carregar a cruz com a maior coragem possível”.⁽⁸⁹⁾

Ela podia dar êsse conselho, pois o praticava tão perfeitamente. Foi o que a ajudou a aceitar com abandono heróico sua última doença.

(86) Carta de 10 de abril de 1873, a sua cunhada.

(87) Carta a sua cunhada, 17 de janeiro de 1871.

(88) Idem, 12 de fevereiro de 1870.

II

DOENÇA E MORTE DE MINHA MÃE

*Porque colocaste em mim tua
confiança, diz o Senhor, eu te
porei ao abrigo, estarei contigo
na tribulação, libertar-te-ei e
cobrir-te-ei de glória...*

SALMO XC, 14-15.

Evolução do mal e admirável resignação

Embora nossa mãe fôsse de constituição delicada, como vimos, e de pequena estatura, sua extraordinária energia supria a fôrça física e dominava a fadiga.

Em 1865, notou uma excrescência no seio proveniente de uma batida que dera, ainda jovem, no canto de uma mesa. O mal inquietou muito meu pai. Consultaram nosso tio Guérin. E afinal, nenhum tratamento foi prescrito. A dor surgiu onze anos mais tarde revelando um tumor canceroso que depois de a ter feito sofrer atrozmente, levou-a ao túmulo.

(1) Carta a seu irmão, 11 de junho de 1877.

Quando o médico anunciou-lhe brutalmente que o mal era incurável, recebeu o choque com tôda a sua fé. Ela dirá:

“Ele me prestou serviço uma vez. Foi no dia em que me disse tôda a verdade. Essa consulta foi inestimável para mim”.⁽¹⁾

Seu amor desinteressado levou-a a consolar-nos a tôdas assim como a nosso pai tão aflito. Com êsse intento, superava seus sofrimentos para continuar com valentia a vida de trabalho, abandonava-se a Nosso Senhor e rezava conosco por sua cura. Tôda a sua correspondência dessa época respira total resignação. Ela é a admiração da família como do Sacerdote que a dirige.

Relatando êsse fato, Luísa Marais, sua antiga empregada, escreverá ao Carmelo de Lisieux quarenta anos mais tarde:

“Certo dia, estando já doente, recebeu em seu gabinete de trabalho a visita do Sr. Pároco de Montsort, seu confessor. Eu estava presente. Falou-lhe de sua morte com tanta resignação que o Sr. Pároco lhe disse: “Senhora, já vi muitas mulheres fortes, mas nenhuma como vós”. Êsse bom Padre estava menos tranqüilo do que a Sra. Martin”.

Essa carta cheia de elogios termina assim:

“...Teria ainda muita cousa que dizer sôbre tôdas as suas bondades e sua resignação à vontade de Deus.

Sua submissão sobrenatural era de fato tão profunda que dizia com serenidade: “Nada me atemoriza. Nosso Senhor sustenta-me, tenho a graça do momento e tê-la-ei até o fim”.

Eis alguns trechos de suas cartas que o provam:

“Não penseis que vou afligir-me demasiadamente por causa de meu triste carço. Se Nosso Senhor permitir que eu morra disso procurarei resignar-me do

melhor modo possível e suportar minha moléstia com paciência”.⁽²⁾

Com que desprendimento verifica o progresso do mal:

“...Agora está vermelho. Para dizer-vos a verdade, estou um pouco inquieta mas não digo nada em casa. Se fôr grave terão tempo de sabê-lo”.⁽³⁾

Não quero que isso vos preocupe demais, resignai-vos com a vontade de Deus. Se Ele me achasse muito útil na terra certamente não permitiria essa doença, pois pedi-lhe tanto que não me tirasse dêste mundo enquanto eu fôsse necessária às minhas filhas”.⁽⁴⁾

Fala nessa carta da desolação do lar diante do veredicto do médico. Nosso pai “estava aniquilado”, não queria mais nenhuma distração e pusera de lado os anzóis de pesca.

Peregrinação à Gruta de Massabielle

Vendo o progresso do mal, escrevia aos parentes de Lisieux:

“Espero com grande impaciência uma peregrinação a Lourdes e se eu fôr necessária a minha família, certamente serei curada, pois não é a fé que me falta”.

Depois acrescenta humildemente:

“...Não mereço que se ocupem tanto comigo. Minha vida não é tão preciosa. Há tantas pessoas que se julgam úteis e que Nosso Senhor acha bom levar, porque depois de sua morte tudo irá melhor ainda”.⁽⁵⁾

(2) Carta a sua cunhada, outubro de 1876.

(3) Carta de outubro de 1876.

(4) Idem, 7 de dezembro de 1876.

(5) Carta a sua cunhada, 28 de janeiro de 1877.

E algumas semanas mais tarde:

“Se Nosso Senhor quiser curar-me ficarei contente, pois no íntimo, desejo viver. É-me custoso deixar meu marido e minhas filhas. De outro lado, porém, penso: “Se eu não sarar, é que será melhor para eles que me vá”.⁽⁶⁾

Alguns amigos recomendaram-na a várias comunidades de Lourdes. Tôda a sua esperança está nessa peregrinação.

“...Eu só conto, com efeito, com o socorro de nossa boa Mãe (...) Não estou, entretanto convicta de que ela me cure, porque afinal pode não ser da vontade de Deus. Então devo resignar-me e é, eu vos asseguro, o que faço.

Como desejaria que não se falasse mais nisso! O que adianta? Fizemos o que deveríamos fazer, deixemos o resto nas mãos da Providência (...) Se eu não sarar, é que Nosso Senhor faz muita questão de me levar”.⁽⁷⁾

Ela também faz “muita questão” de obter o objeto de suas preces:

“Voltarei dentro de seis meses se não obtiver nada desta vez: quanto mais doente estiver, mais terei esperança”.⁽⁸⁾

Para conservar a essa peregrinação um fim exclusivamente sobrenatural recusa tôda idéia de excursão:

“...Isso me dá mais confiança. Também não quero ir com Luís. Por bondade, êle quereria levar-me de cidade em cidade, a fim de tornar-me agradável a viagem e eu não ficaria curada!”

(6) Idem, 20 de fevereiro de 1877.

(7) Carta a sua cunhada, 5 de janeiro de 1877.

(8) Idem, 12 de março de 1877.

Quer partir com suas três filhas mais velhas. Reconhece que:

“Será bem mais difícil e dispendioso, todavia (...) parece-me que quanto mais sacrifícios fizermos, mais Nossa Senhora estará disposta a atender-nos”.⁽⁹⁾

Escrevia a Paulina:

“A princípio, teu pai não aprovava a ida das três, mas agora deseja-o dizendo que os sacrifícios nunca serão bastantes para obter tão grande milagre”.

A fervorosa menina está tão persuadida de obtê-lo que, para evitar-lhe uma desilusão, ela a exorta nestes termos:

“Devemos estar na disposição de aceitar generosamente a vontade de Nosso Senhor, seja qual fôr, pois será sempre o que haverá de melhor para nós”.

Dois meses antes animara-a no mesmo sentido:

“Abandonemo-nos à sua Bondade, à sua Misericórdia, e Ele arranjará tudo do melhor modo possível”.

Mas o “melhor” para Paulina como para Maria será o milagre obtido. Esta última está de tal modo convicta que, com sua fé tenaz exulta já diante da estupefação de uma pessoa que não acreditava nos milagres e que, neste particular, taxava nossos pais “de gente muito simples”. Minha mãe conta-o a Paulina e continua:

“Maria dizia-me hoje cedo: “O’ mamãe, como ela vai ficar espantada! Desta vez ela crerá nos milagres de Lourdes, ela que critica tanto as peregrinações”. Enfim, tua irmã alegra-se de antemão de pegar a Sr.^a X... e reduzi-la ao silêncio”.⁽¹⁰⁾

(9) Idem, 29 de março de 1877.

(10) Carta de 13 de maio de 1877.

Quanto a nossa mãe, seus sentimentos de perfeita confiança em Deus são invariáveis, aconteça o que acontecer. Manifesta-se numa carta de 20 de fevereiro de 1877, dirigida à Sra. Guérin:

“...Conto com a peregrinação a Lourdes, mas se não fôr curada procurarei cantar, na volta, da mesma maneira”.

Antes de partir enviou ainda êste boletim de saúde a seu irmão e a sua cunhada:

“Esta noite sofri muito durante duas horas. Não posso mais tocar no lugar doente, é sensível demais. Não ficaria surpreendida se furasse antes de minha partida. Espero contudo que não haja hemorragia, pois parece que isso acontece quando o mal está iminente”.⁽¹¹⁾

À volta de Lourdes

“Ah! não estou curada, pelo contrário, a viagem agravou o mal”.

É a exclamação de minha mãe à volta de Lourdes. Narra em seguida aos parentes de Lisieux as peripécias da viagem. À sua chegada na cidade marial, após ter dado de comer às meninas, escreve: “Eu não tomei nada, pois queria ir primeiro à gruta e à piscina, embora estivesse no fim das fôrças”.

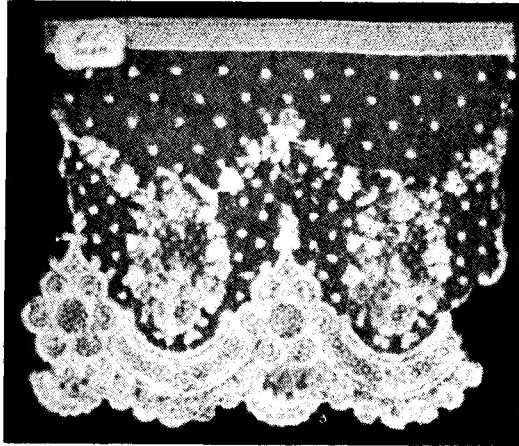
Relata em seguida os contratempos:

Ela escorrega no degrau de uma escada e sofre uma torcedura no pescoço, a que aludirá muitas vezes depois. Entra por quatro vezes na piscina e de cada vez sente-se mal, ao entrar. Maria perde o têrço da tia Visitandina, única recordação que dela possuía mi-

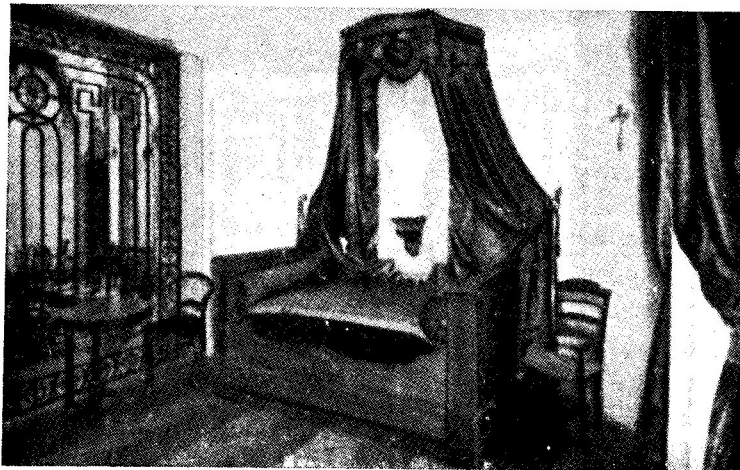


TERESINHA SÔBRE OS JOELHOS DE SUA MÃE
conforme um desenho de Celina

(11) Carta de 7 de junho de 1877.



Amostra de um pedaço de Ponto de Alençon
(medidas: 15 cm e meio x 14 cm)



EM ALENÇON: QUARTO EM QUE NASCEU STA. TERESA DO MENINO
JESUS E ONDE MORREU A SRA. MARTIN

nha mãe. Ela rasga o vestido a ponto de não poder mais andar antes de o ter consertado. Enfim, lê-se esta conclusão sob sua pena:

“Só me sobrevieram tristezas e misérias sem conta”.⁽¹²⁾

Escreve a Paulina que, da estação de Mans, dirigira-se de carruagem à Visitação:

“Teu pai esperava-nos com as duas pequenas, havia uma hora. Consolou-se ao rever-nos, embora estivesse muito triste. Passara momentos penosos desde quinta-feira, esperando a cada minuto o famoso telegrama. Cada toque de campainha trazia-lhe nôvo sobressalto. Ficou muito surpreendido por me ver voltar tão alegre como se tivesse obtido a graça desejada. Isso animou-o e restituiu o bom humor em casa.

Depois de lhe ter lembrado a palavra de Nossa Senhora a Bernadette: “Eu não vos tornarei feliz neste mundo, mas no outro”, ela conclui:

“Assim não esperes muitas alegrias na terra. Terias muitas decepções. Quanto a mim sei por experiência o que são as alegrias da terra, e se não esperasse as do céu, seria bastante infeliz.

“...Pede com fé à Mãe de Misericórdia e ela virá em nosso auxílio com a bondade e a doçura da mais terna das mães”.⁽¹³⁾

Entretanto, outras *misérias* ainda a esperavam em Alençon. Zelosa pela glória de Deus sente-se como que envergonhada de sua decepção de Massabielle. Vemo-lo por esta revelação a seu irmão e a sua cunhada:

(12) Carta de 24 de junho de 1877.

(13) Carta de 25 de junho de 1877.

“Muitas pessoas aqui sabem que volto de Lourdes. Entretanto, oculte o mais possível (...) Isso me desagrada, pois vejo certos sorrisos incrédulos daqueles mesmos que me aconselhavam a peregrinação. Eles pensavam que não seria curada, não crêem nos milagres de Lourdes. Estão por isso com um ar triunfante! Não que me desejem mal, por certo. Mas, para dizer a verdade, estou muito aborrecida e não sei onde me esconder”.⁽¹⁴⁾

No entanto, apesar de sua decepção, o Céu não estava calado. Na Visitação de Angers, onde ela se tivera antes de tomar o trem da peregrinação, faziam orações fervorosas para obter o milagre de sua cura. Ora, deu-se um fato estranho justamente na hora em que ela deixava a cidade da Imaculada. Minha mãe conta-o assim:

“Às oito horas da noite, elas ouviram o sininho do claustro soar sozinho. Por mais que se informassem, ninguém o havia tocado. Creram no milagre e pensaram ser Nossa Senhora de Lourdes que as advertia de que a cura se realizara... ou antes não se realizara!”.⁽¹⁵⁾

Para nós, que conhecemos o fim desta história, não é um sinal de que, malgrado as aparências contrárias, Maria velava com ternura sobre a querida doente e sua família?

Sublime coragem sob o peso da cruz

Através da carta de 8 de julho de 1877 à nossa tia de Lisieux, assistimos ao progresso cada vez mais rápido da doença de minha mãe:

(14) Carta de 24 de junho de 1877.

(15) Idem.

“Não só o mal progride sempre, mas começou a vazar há quinze dias. O esforço que fiz causa-me dores, sobretudo desde esta noite.

Precisei vestir-me às cinco horas para ir à primeira Missa. Achava-me sozinho; Luís estava na adoração noturna (...) Enfim, chamei Maria para me ajudar a vestir-me. Custei para sentar e ajoelhar na igreja. Precisava conter-me para não gritar. Também, não voltarei à Missa solene.

Além disso, senti esta semana um mal-estar geral que me tirava todas as forças”.

Sempre esquecida de si própria, deixa de lado este assunto para retomá-lo somente no fim:

“Volto à minha doença já que os detalhes vos interessam. As dores violentas que tenho no pescoço fazem crer a meu marido e a Maria que Nossa Senhora me vai curar. De outro modo, Ela não permitiria tantos males ao mesmo tempo provindo todos de minha peregrinação”.

Pouco tempo depois retoma essa questão angustiante:

“O mal agrava-se dia a dia. Não posso vestir-me nem despir-me sozinho. O braço do lado doente recusa todo movimento. A mão entretanto sustenta ainda a agulha!

Além disso, sinto uma indisposição geral (...) e febre há quinze dias. Enfim, não posso ficar de pé, preciso sentar-me.

Digo-vos francamente que agora um milagre parece-me muito duvidoso. Já tomei meu partido: procuro agir como se devesse morrer. Preciso absolutamente não perder o pouco tempo de vida que me resta. São dias de salvação que não voltam jamais. Quero aproveitá-los.

Terei dupla vantagem resignando-me: sofrerei menos e farei uma parte de meu Purgatório na terra. Pedi por mim, eu vos suplico, a resignação e a paciência de que tenho tanta necessidade. Sabeis que não tenho nem um pouco de paciência”.⁽¹⁶⁾

Alguns dias mais tarde, após ter descrito uma noite terrível, prossegue:

“Luís, Maria e a empregada ficaram junto de mim. O pobre Luís tomava-me de tempos a tempos nos braços como a uma criança.

...Não posso escrever mais, pois não enxergo e estou numa fraqueza incompreensível”.⁽¹⁷⁾

Durante as últimas semanas foi preciso chamar as Irmãs da Misericórdia para que ajudassem a cuidar dela.

No termo do Calvário

E’ o momento de citar alguns trechos das cartas de minha irmã Maria a nossa tia de Lisieux. Esses boletins de saúde serão mais eloquentes do que qualquer comentário e permitem-nos acompanhar como a Virgem das Dores ao pé da Cruz, os últimos sofrimentos de nossa incomparável mãe. Eles revelam a atmosfera dessas horas dolorosas.

A primeira carta é do dia 28 de julho de 1877, um mês apenas antes do desenlace final:

“Desde o começo da semana mamãe ficou pior. Domingo, quis ainda ir à primeira Missa, mas foi-lhe preciso coragem e esforços inauditos para chegar até

(16) Carta de 15 de julho de 1877.

(17) Carta a seu irmão, 27 de julho de 1877.

a igreja. Cada passo que dava repercutia no pescoço. Às vezes era obrigada a deter-se para retomar um pouco de fôrega.

Quando a vi tão enfraquecida supliquei-lhe que voltasse para casa, mas ela quis ir até o fim, achando que a dor ia passar. Mas nada! Ao contrário, custou-lhe muito voltar da igreja, tanto assim que não quer mais renovar semelhante imprudência.

Aliás seria impossível agora, pois desde segunda-feira não pôde mais sair. Não vai nem ao seu gabinete. Luísa e eu é que recebemos as rendeiras. Mamãe está continuamente no quarto, ora deitada, ora sentada numa poltrona, pois o leito torna-se-lhe muito incômodo por causa do pescoço que a faz sofrer horivelmente.

Colocamos quatro travesseiros para que possa ficar quase sentada na cama. É preciso que o pescoço esteja sempre reto, sem fazer o menor movimento. Quando está cansada de ficar com a cabeça apoiada, levantamo-la suavemente com os travesseiros até que fique completamente sentada. Mas isso não se faz sem dores incriveis pois ao menor movimento ela dá gritos dilacerantes.

E entretanto, com que paciência e resignação ela suporta essa triste doença! Não deixa seu têrço, reza sempre apesar das dores. Estamos todos admirados. Ela tem uma coragem e uma energia inigualáveis.

Há quinze dias ainda rezava o têrço inteiramente de joelhos, aos pés da imagem de Nossa Senhora do meu quarto que ela quer tanto bem. Vendo-a tão doente, quis que se sentasse, mas foi inútil.

...Mamãe aprova vosso projeto de vir a Alençon. De fato, não podemos ir a Lisieux este ano. Ela desejaria que fixásseis vossa viagem para o dia 19 de agôs-

to, após a festa da Assunção, porque se Nossa Senhora a curar nesse dia partiremos para Lisieux como estava combinado. Esperemos que essa boa Mãe tenha piedade de nós e se deixe tocar por nossas orações e lágrimas!

P. S. — Esqueci-me de dizer-vos que o Doutor X veio hoje ver mamãe. Prescreveu-lhe um calmante para as dores do pescoço que provém, diz êle, de sua doença. Foi o que sempre pensei pois um torcido não costuma durar tanto tempo.

Êle foi muito delicado, muito amável. Creio que agora não lhe inspira tanto temor”.

Aquiescendo a meu pedido, mamãe mostrou-me sua chaga. Eu contava apenas oito anos e guardei uma lembrança indelével. Todo o alto do peito, do lado direito até o ombro e a base do pescoço era um vermelhão inflamado e sulcado de espaço em espaço por vergões mais escuros.

O Sr. e a Sra. Guérin foram a Alençon no dia 30 de julho. Após sua partida, Maria retoma a pena para dar-lhes notícias da querida doente.

“Desde vossa partida mamãe sofre sempre mais. Cada dia são novos sofrimentos. Há dois ou três dias queixa-se constantemente de dores no coração. Passa noites horríveis e é de cortar o coração ouvi-la gemer.

Ontem à tarde sofria tanto que dizia em voz alta: “Ah! meu Deus, vêde que as fôrças para sofrer abandonam-me. Tende piedade de mim! Se fôr preciso que fique neste leito de dores sem que possam aliviar-me, suplico-vos, não me abandonéis!

Ela chora por vêzes, olha-nos uma a uma, e depois diz:

“Ah! minhas pobres filhas, não poderei mais levar-vos para passear, eu que desejaria torná-las tão felizes! Minha Paulina a quem queria proporcionar

tantas distrações durante as férias, deverá ficar aí ou então sair sem mim! Minhas filhinhas, se eu pudesse ir convosco, como seríamos felizes, não é verdade?”

“Enfim, nossa pobre mãezinha esquece-se de tal modo de si própria que só fica contente quando nos vê sair. Para causar-lhe prazer papai manda minhas irmãs passearem de barco. Mas que graça pode-se achar no passeio quando se sabe que sua mãe está doente?

Mamãe escreveu domingo ao Sr. Padre Martignon e às Irmãs de Lourdes e segunda-feira começamos a novena que deve terminar na Assunção. Faço-a com grande confiança. Espero que Nossa Senhora não nos abandone e se Ela não quiser curar mamãe pelo menos a alivie e diminua seus sofrimentos que se tornam tão grandes.

Se Ela não proteger mamãe que é tão boa e tão corajosa, quem a protegerá? Quando penso que domingo quis ainda ir à primeira Missa porque seu pescoço parecia melhor e se movia com mais facilidade... E se soubésseis, minha tia, quanto me custou impedi-la de se levantar. Se ela pudesse se vestir sòzinha certamente o teria feito.

Na primeira sexta-feira do mês quis ir à Missa das sete horas. Papai levou-a, sem êle não teria podido ir. Ela nos disse que lá chegando, se não houvesse quem empurrasse a porta da igreja, jamais o teria podido fazer!

Foi quando estava já bem doente que se deu êste fato tocante. Certo dia em que Paulina se achava sòzinha junto de seu leito, mamãe tomou-lhe a mão e a beijou com respeito. Não era uma profecia da missão que ela teria que cumprir mais tarde sendo por cinquenta anos Priora do Carmelo e de três de suas irmãs?

O que se passava com Teresa e comigo no transtôrno em que se achava a casa?

Lembro-me de que tôdas as manhãs uma parenta ia buscar-nos para passar o dia em sua casa. Certa vez não tivemos tempo de rezar nossas orações e no caminho disse baixinho a Teresa: “Devemos dizer-lhe que não fizemos nossa oração?” — Oh! sim, respondeu-me”. Então timidamente confiei meu segrêdo a essa senhora que se apressou em responder-me: “Pois bem, minhas filhinhas, podeis fazê-la”. Depois deixando-nos sòzinhas num grande quarto, foi-se embora. Espantada, olhei para minha irmãzinha que não o estava menos do que eu e exclamou: “Ah! não é como mamãe que rezava sempre conosco!”

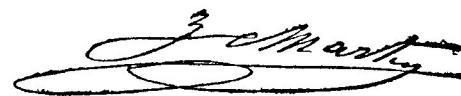
Se nossa mãe querida não mais estava em condição de nos ensinar a rezar, quis pelo menos, no princípio de agosto fazer o grande esforço de tomar parte na distribuição de prêmios que Maria organizara para o encerramento das aulas que nos dava. Nossa mãe muito amada queria, juntamente com nosso querido papai coroar seus dois benjamins. Sentou-se ao lado dêle, em poltronas enfeitadas com cortinados e presidiram juntos a essa última festa de família.

Ah! passado êste raio de sol, tivemos que voltar ao sombrio túnel das amargas preocupações do momento!

O milagre tão esperado não se realizou no dia 15 de agosto. Nossa santa moribunda aceitou como sempre a vontade divina e no dia seguinte traçava algumas linhas a seu irmão com a mão trêmula mas a alma viril até o fim, e terminava com êste ato de abandono:

“Que fazer! Se Nossa Senhora não me curou é que meu tempo está consumado e Nosso Senhor quer

que eu repouse alhures e não na terra...”



Foram as últimas palavras que escreveu sôbre a terra.

Sua santa morte

No dia 25 de agosto, Maria retomou seu doloroso diário a nossa tia de Lisieux:

“Tenho tristes notícias a comunicar-vos. Mamãe está muito pior, sua doença faz progressos alarmantes. Dia a dia percebe-se isso. Ela passa noites terríveis, precisa levantar-se de 15 em 15 minutos, pois não pode ficar na cama, tal é o seu sofrimento...”

O menor ruído provoca-lhe crises horríveis. Ainda que falemos baixinho, andemos pés descalços para que ela não ouça nada, seu sono é tão leve que o menor barulho a desperta.

Há dois dias está menos excitada, suas dores são menos agudas que no princípio da semana, pois segunda e terça-feira não se sabia o que ia ser dela. Seus sofrimentos eram atrozes, não conseguíamos aliviá-la. Remédio algum pôde acalmá-la.

A essas dores tão vivas sucede agora uma fraqueza extrema. Não a ouvimos mais gemer, falta-lhe a força. Mal pode falar e é mais pelo movimento dos lábios que se compreende o que nos diz. Ontem estava muito fraca, mas hoje ainda está pior.

Teve esta noite uma hemorragia, o que aumentou ainda mais sua fraqueza. Papai passou a noite tôda de pé e estava muito aflito. Felizmente a hemorragia não durou muito tempo. Parece que é tão perigoso!

Espero que as fôrças de mamãe se refaçam um pouco e que não continuará tão fraca quanto hoje.

Ela sofre muito menos é verdade, mas essa fraqueza me atemoriza. Quando dorme, dir-se-ia que não vive mais. Isso impressiona.

Achais, minha tia, que essa fraqueza durará muito tempo? Penso que passaria depressa se mamãe quisesse tomar alguma cousa, mas tudo lhe faz mal. Duas ou três xícaras de caldo, eis todo o seu alimento e ainda ficamos contentes quando pode retê-lo!

No dia seguinte, 26, Maria envia a nosso tio êste grito de alarme:

“Ontem, esqueci-me de dizer a minha tia que mamãe estava com as pernas inchadas e papai quer que vos escreva imediatamente. Mas eu ia escrever-vos com efeito, pois estou muito aflita.

Há oito dias que o inchaço começou! Percebi hoje cedo apenas, antes não dei atenção a isso. Seu braço também está inchado e quase não o move mais.

Além disso caiu numa prostração completa. Hoje está pior ainda do que ontem, só fala por sinais e se a deixássemos sòzinha em seu quarto morreria sem pedir socorro.

Acaba de ter uma hemorragia. Nossa pobre mamãe está mudada e muito magra! papai está muito inquieto e acaba de dizer-me que quer que venhais o mais cedo possível a fim de encontrá-la, pelo menos, com pleno conhecimento”.

Foi na tarde do dia 26 de agosto ou na manhã do dia seguinte, 27, que se realizou a recepção dos últi-

mos Sacramentos. Só Teresa fala disso em seguida de outras lembranças:

“A comovente cerimônia da Extrema-Unção ficou também impressa em minha alma. Vejo ainda o lugar em que estava ao lado de Celina. Estávamos, as cinco, por ordem de idade, com nosso pobre paizinho que soluçava...”.⁽¹⁸⁾

Quanto a minha mãe, permaneceu calma e forte. Morrerá assim, santamente, dando-nos até o fim o exemplo do mais completo desinterêsse e da mais pura fé.

Nas angústias da doença ouvíamos-la lançar para o Céu esta súplica dolorosa: “Oh! Vós que me criastes, tende compaixão de mim!” E Nosso Senhor teve piedade acelerando a marcha dos acontecimentos, pois então não havia como agora calmante para aliviar os pobres doentes.

Na terça-feira, 28 de agosto de 1877, à meia-noite e trinta minutos, essa mãe admirável nos foi arrebatada. Contava apenas quarenta e cinco anos e oito meses de idade.

Roteiro sobrenatural

Na manhã do dia de sua morte, nosso bom Pai tomou Teresa nos braços e disse-lhe: “Vem, beijar pela última vez tua mãezinha”. Sem pronunciar palavra, aproximou seus lábios da fronte gelada de nossa mãe querida.

À tarde, a criança detinha-se diante do caixão colocado no vestibulo, e o “achava tão grande, tão triste...”

(18) Manuscrito A, fol. 12 r.º e v.º.

Maria deixa-nos também esta lembrança:

"...Fui durante o dia muitas vezes junto de minha mãe querida. Não me cansava de olhá-la. Parecia ter vinte anos. Como eu a achava linda! Sentia junto dela uma impressão sobrenatural. Parecia-me, o que era verdade, que não estava morta porém mais viva do que nunca".

Quanto a mim, alguns dias depois interroguei Paulina a respeito da morte de mamãe e perguntei-lhe se não recebera do Céu um sinal de sua felicidade. Disse-me então ter visto em sonho um Anjo que escrevia estas palavras sobre uma toalha de areia cintilante de luz: "Bem-aventurados os que choram porque serão consolados!"

Quantas vezes, depois, papai falou-nos de nossa "santa" mãe! Fazia-o sempre com este qualificativo tão expressivo de seu pensamento. Empregou-o mesmo vários anos após o acontecimento numa carta a um amigo de juventude.⁽¹⁹⁾

"Falei-te ultimamente de minhas cinco filhas, mas esqueci-me de dizer-te que tenho ainda quatro filhos que, juntamente com sua santa mãe estão no Céu onde esperamos reunir-nos todos um dia".

Mais tarde durante sua viagem pela Europa Central, após nos ter assegurado sua lembrança contínua, desvendava assim os sentimentos de seu coração:

"O pensamento de vossa mãe segue-me também constantemente".⁽²⁰⁾

A mesma afeição perdurou sempre na família toda. Minha tia, a Sra. Guérin, feliz e confusa diante do ca-

(19) Carta ao Sr. Nogrix, 1883.

(20) Roma, 27 de setembro de 1885.

rinho que lhe testemunhávamos, escrevia a Irmã Teresa do Menino Jesus, no dia 16 de novembro de 1891:

"Que fiz eu para que Deus me cerque de corações tão amorosos? Não fiz mais do que atender ao último olhar de uma mãe que eu amava muito, muito. Acreditei compreender êsse olhar que nada me poderá fazer esquecer. Está gravado no meu coração. Desde êsse dia procurei substituir aquela que Deus vos arrebatou mas ah! ninguém poderá substituir uma tal mãe!... *Oh! teus pais, minha Teresinha, são dos que podem ser chamados santos e merecem gerar santos!*"

Nossa antiga empregada, Luísa Marais, escrevia no dia 22 de julho de 1923, pouco antes de morrer:

"Em meus sofrimentos agudos invoco minha Teresinha ao mesmo tempo que a sua boa e santa mamãe, pois se Teresinha é uma Santa, na minha opinião sua mãe o é também e muito grande.

Quanto foi provada durante sua vida! E aceitou tudo com resignação. E depois, como sabia sacrificar-se!"

A Sra. Tifenne, uma amiga que de há muito conhecia toda a família, desde nosso avô, o piedoso Capitão Martin, enviava êste testemunho ao Carmelo após o aparecimento da "História de uma Alma" em 1898:

"...Li com vivo interesse todos os detalhes dados sobre vossos antepassados. Revivi os que já conhecia juntamente com vosso pai e vossa santa mãe. Que lição de santos tendes em vossa família!"

Cêrca de trinta anos mais tarde, ela escrevia ainda:

"Revejo vossa mãe ao canto de sua janela e a Teresinha, isso faz-me pensar: "Oh! se eu tivesse aviado o dom que Deus me concedia de respirar o ar dessa santa família, como teria aproveitado melhor!"

Por ocasião do centenário do nascimento de minha mãe em 1931, o Sr. Pároco de Saint Denys sur Sarthon

mandou erigir na Capela das fontes batismais de sua igreja uma imagem de Santa Teresa do Menino Jesus e colocou uma placa comemorativa do batismo de nossa mãe.

Embora privada tão criança ainda de sua mãe, Teresa podia proclamar para seu louvor:

“Nosso Senhor fez-me a graça de abrir bem cedo minha inteligência (...) Sem dúvida queria Jesus em seu amor fazer-me conhecer a *mãe incomparável* que Ele me dera, mas que sua divina mão tinha pressa de coroar no Céu!”

Eu também lamentei freqüentemente não ter podido apreciar minha mãe por mais anos. Entretanto, falava-se tanto nela que continuava por assim dizer a viver conosco. Sentíamos que velava por nós e não nos havia deixado.

No Carmelo Madre Inês de Jesus e Irmã Maria do Sagrado Coração recordavam com emoção sua memória. Punham em relêvo, sobretudo, sua *confiança* e seu *abandono* invencíveis na divina Providência. Afirmavam que jamais alguém a viu fraquear nessas virtudes, nem tão pouco na *heróica fidelidade ao dever de estado*.

Numa palavra, sempre ativa, sempre devotada, sempre sorridente, minha mãe não tinha ares de fazer algo extraordinário, mas com uma simplicidade e humildade notáveis despendia-se sem descanso pelos outros e vivia sempre para Nosso Senhor.

Ouvindo êsses elogios e relembrando-me do que eu própria vira, pensei muitas vezes que nossa Teresa herdou essas disposições fundamentais que deveriam fazer dela: A APÓSTOLA DA PEQUENA VIA.

Seja-me permitido terminar com esta homenagem prestada a nossos venerados pais. Ela provém de uma Sacerdote que escrevia recentemente:⁽²¹⁾

“...No dia 26 de março de 1923 assisti à transferência dos despojos de Teresa do cemitério para o Carmelo. O que mais me comoveu assim como muitas paróquias às quais relatei, foi a parada do carro que levava o caixão, diante do túmulo do Sr. e da Sra. Martin e a recitação do BENEDICTUS”.

(21) O Sr. Padre Valère Berson, 28 de junho de 1956.



TUMULO DA FAMÍLIA MARTIN
NO CEMITÉRIO DE LISIEUX